



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

Fabio Vaqueiro Oliveira

A MARCHA PARA JESUS EM SÃO LEOPOLDO:
os evangélicos no espaço público

Porto Alegre, dezembro de 2015.

Fabio Vaqueiro Oliveira

**MARCHA PARA JESUS EM SÃO LEOPOLDO:
os evangélicos no espaço público**

Trabalho de Conclusão apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

Porto Alegre, dezembro de 2015.

Fabio Vaqueiro Oliveira

**MARCHA PARA JESUS EM SÃO LEOPOLDO:
os evangélicos no espaço público**

Trabalho de Conclusão apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Aprovado por:

Prof. Dr. Émerson Alessandro Giumbelli (Orientador)

Prof. Dr. Ari Pedro Oro (UFRGS)

Mestre Fernanda Mirele Heberle (UFRGS)

Resumo: Este trabalho é resultado de uma etnografia desenvolvida em torno do evento Marcha Para Jesus, realizado no município de São Leopoldo-RS desde o ano de 2011. Assumindo as perspectivas propostas por Gilberto Velho e José Magnani, exerci esta etnografia "de perto e de dentro" considerando minha proximidade sociológica e o exercício do distanciamento com o universo de evangélicos da cidade de São Leopoldo. Procurei, ao longo do texto, relacionar as perspectivas assumidas pelos organizadores para a viabilização da Marcha com os significados dela apreendidos, tanto pela comunidade evangélica, como por sujeitos que não pertencem a ela, cujo local de trabalho é a rua onde a Marcha acontece anualmente. Para alcançar essa proposta, considerei o relato de diferentes entrevistados - organizadores da marcha, participantes, observadores passivos e não participantes por opção, além realizar observação de diversas atividades de promoção da Marcha para Jesus de 2015 em São Leopoldo. Para a formulação do texto atribuí maior valor aos posicionamentos nos quais as expectativas e os sentimentos sobre a experiência na Marcha para Jesus justificam a perspectiva assumidas pelos sujeitos. O cotejamento das diferentes perspectivas reveladas nas entrevistas propiciou evidenciar proximidades e distâncias entre os evangélicos que participam da Marcha para Jesus, assim como também entre sujeitos de fora e de dentro da marcha

Palavras-chave: Marcha para Jesus, evangélicos, espaço público

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Imagem da "March for Jesus" em 1987 realizada em Londres, Inglaterra.	16
Figura 2 - Marcha para Jesus de 2012: 30.000 participantes e a presença do Governador do Estado do Rio Grande do Sul Tarso Genro	18
Figura 3 - Publicação avulsa sobre o evento de 2011 obtida na internet	19
Figura 4 - Imagens do Jantar de Lançamento da Marcha para Jesus 2015	29
Figura 5 - São Leopoldo: locais de divulgação da Marcha para Jesus 2015	32
Figura 6 - Mobilização de pessoas para as divulgações da Marcha para Jesus através do WhatsApp	32
Figura 7 - Divulgação da Marcha dentro de uma Flora e panfleto distribuído pela Igreja Quadrangular durante a divulgação da Marcha no bairro Feitoria	33
Figura 8 - Imagens da divulgação da Marcha para Jesus realizada no centro de São Leopoldo	33
Figura 9 - Concentração para Marcha para Jesus do ano de 2012	36
Figura 10 - Espíritas e evangélicos caracterizados: eventos religiosos distintos no mesmo espaço público	38
Figura 11 - Trajeto da Marcha para Jesus no centro de São Leopoldo (edições de 2011 a 2015)	39
Figura 12 - apresentação de Israel Salazar: o artista falando com os participantes e depois o público orando.	42
Figura 13 - Ida ao campo: encontros com o pastor Jair Silva e Vagner e Aline Nascimento da Igreja Ministério Cristão Renovo	44
Figura 14 - Ida ao campo: foto com os entrevistados Jaci da Silva e Sílvia Holtz na Rua Independência.....	54
Figura 15 - Marcha para Jesus em São Paulo: O maior evento cristão do mundo	58

Gráfico 1 - Percentual de população, segundo os grupos de religião - Brasil 2000/2010.....24

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 – População total e grupos religiosos do Brasil.....	23
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - A MARCHA PARA JESUS EM SÃO LEOPOLDO	15
1.1. DE FORA PARA DENTRO: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A MARCHA EM SÃO LEOPOLDO	15
1.2. A CONSOLIDAÇÃO DA MARCHA: "... PORTANTO DEEM A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR E A DEUS O QUE É DE DEUS"	21
1.2.1. "Entre irmãos": um esforço dentro da comunidade evangélica.....	21
1.2.2. Preparando o caminho da Marcha: a consolidação acontecendo fora do domínio religioso.....	23
2. CAPÍTULO II: A MARCHA DO PONTO DE PARTIDA ATÉ A APOTEOSE .	27
2.1. O JANTAR DE LANÇAMENTO.....	28
2.2. OS ENCONTROS E SAÍDAS PARA AS DIVULGAÇÕES DO EVENTO	30
2.3. A VIGÍLIA, A ORAÇÃO NO MONTE E A UNÇÃO NO LARGO RUI PORTO COMO ATOS DE CONSAGRAÇÃO	34
2.4. PERCORRENDO O CAMINHO DA MARCHA	35
2.4.1. As primeiras edições	35
2.4.2. A Marcha em 2015.....	37
2.5. A APOTEOSE, O ENCERRAMENTO E A DESPEDIDA	40
3. CAPÍTULO III - A MARCHA PARA JESUS EM PERSPECTIVA: O EVENTO REPERCUTIDO ENTRE DIFERENTES ATORES DA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO	43
3.1. AS ADESÕES E AS RESERVAS DA COMUNIDADE EVANGÉLICA: “NAS COISAS NECESSÁRIAS, A UNIDADE; NAS DUVIDOSAS, A LIBERDADE; E EM TODAS A CARIDADE.” (SANTO AGOSTINHO)	43
3.1.1. Os organizadores e o seu viés	44
3.1.2. Os evangélicos da Marcha e os olhares de dentro	47

3.1.3.	Alguns evangélicos que não marcham e as suas perspectivas	50
3.1.4.	O público 'nas ruas' de São Leopoldo e as impressões acerca do evento	52
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho etnográfico dedicado à construção e na reprodução de sentidos gerados a partir do evento Marcha para Jesus (MPJ) em São Leopoldo¹. A pesquisa teve início, primeiramente, no meu remoto interesse pelas formas de atuação do segmento evangélico nas esferas públicas, sejam elas, sociais, culturais, ou mesmo políticas. Sendo eu evangélico, desde os 15 anos, exerci o esforço científico de pensar fora do escopo das lógicas assumidas pela minha crença. Cristão confesso, porém, assumi o pensar e o repensar as implicações sociais da dinâmica do exercício da própria fé em um contexto urbano. A proximidade sociológica com o contexto de minha etnografia remeteu-me, ao que Gilberto Velho (2003) chama "Desafio da Proximidade", pois coube-me realçar alteridades, criar estranhamentos em um ambiente familiar.

Desde 2007, o contato com as Ciências Sociais, em especial com a Antropologia, me levou a isso: passar de participante das dinâmicas religiosas a observador das mesmas. Nesse caminho, a leitura de artigos científicos como, por exemplo, "A Presença do Religioso no Espaço Público" (GIUMBELLI, 2008) foi instigante e inspiradora para alavancar o início dessa pesquisa. Passei, a partir dele, a observar as possibilidades de construção e desconstrução de capitais sociais e políticos a partir de ações coletivas de uma comunidade religiosa, sendo elas planejadas ou não, vendo, com isso, a diferentes formas como o campo da religião afeta o espaço onde ele está inserido.

A exposição do sucesso obtido da edição de Marcha para Jesus (doravante MPJ) em São Leopoldo, no ano de 2012, e a presença no evento do então governador do Estado, Tarso Genro - que não é evangélico - chamaram a atenção deste pesquisador, momento em que a Marcha e o tecido social onde ela está circunscrita passaram a ser meu interesse direto. A experiência do ouvir, do ver e do avaliar as práticas e os discursos que as sustentam

¹ O CENSO Demográfico de 2010 (IBGE) aponta que São Leopoldo, possuía uma população evangélica de 50.833 pessoas, o que representava 23,74% do total de 214.087 habitantes e enquadrando-se nos parâmetros nacionais de 22,2% de evangélicos. De antemão já sabemos que o fato de ser, possivelmente a primeira cidade luterana no Brasil, não refletiu uma herança de hegemonia religiosa no município.

detiveram meu olhar, pois as conexões não eram nítidas. Busquei, então, uma compreensão dicotômica do evento: ele é sociopolítico? contestador? ou uma manifestação de fé e devoção dirigida, mas sincera? A orientação de professores me fez recobrar o olhar antropológico, visto que, entre o branco e o preto, há diferentes tons de cinza - o que poderia me levar a uma compreensão mais apurada a partir das diferentes relações e experiências que os participantes (ou não), podem ter com a MPJ, justificando assim, um cenário inicialmente mal compreendido por mim.

Dentro dessa perspectiva, considereirei como premissa a existência de, no mínimo, quatro distintos grupos, os quais se envolvem direta ou indiretamente com o evento: os organizadores, os participantes, os não participantes e aqueles que apenas assistem, sendo os três primeiros, pertencentes ao segmento evangélico de São Leopoldo, e os últimos, pessoas que possuem algum tipo de ligação com a rua Independência, onde acontece a Marcha.

Em *A presença do religioso no espaço público - modalidades no Brasil* (GIUMBELLI, 2008), o autor destaca diferentes formas das religiões brasileiras se fazerem presentes na esfera pública nacional e como as lideranças religiosas articulam-se com os dispositivos jurídicos vigentes para a manutenção, ampliação, reconhecimento, ou mesmo a equiparação de direitos (em relação às demais religiões) chancelados pelo Estado brasileiro aos segmentos religiosos.

O autor demonstra que diversos esforços, ou mesmo condutas, foram adotadas ou assumidas pelos grupos religiosos, passando pela noção de colaboração entre Religiões-Estado (católicos e espíritas com instituições beneficentes), pelo reconhecimento de espaços dedicados a cultos religiosos como Espaço Cultural (citando o caso do tombamento do terreiro de Candomblé, em São Paulo, nos anos 1980) e pela atenção dedicada à elaboração à promulgação e dispositivos legais geradores de direitos ou obrigações (como o dos evangélicos em relação ao Acordo Brasil Santa Sé). Este trabalho irá demonstrar que um caminho análogo foi adotado para a MPJ em São Leopoldo.

Com base na bibliografia de Hannah Arendt (1981), em "A Condição Humana", foi possível realizar a associação dessas formas de presença do religioso a temas como "esfera pública", "esfera privada" (onde enquadrei a comunidade evangélica) e "visibilidade", permitindo colher algo do que oferece em suas reflexões. No capítulo segundo de "A Condição Humana" - ela afirma que:

"o Social é um campo híbrido onde se tangenciam agências individuais (e privadas) com agências coletivas (e públicas) buscando exercer a liberdade de manifestação na esfera pública e, a visibilidade a demandas diversas de partilha do mundo e de negociação da realidade.

Citação: Arendt (1981)

A MPJ em São Leopoldo é um evento necessariamente viabilizado em espaço público, na rua central mais frequentada da cidade, lugar onde diferentes agentes (individuais ou coletivos) passam ou permanecem; onde usufruem do anonimato ou da chance de expressar e serem percebidos; onde se encontram, se reconhecem, se acolhem, se rejeitam, ou mesmo ignoram a presença do outro enquanto alteridade.

É evidente que todo segmento busca reconhecimento e, nesse caso a MPJ, enquanto ente social, religioso, coloca-se em evidência, instrumentaliza discursos e recursos para angariar visibilidade. Colocar-se em evidência evoca para si olhares externos, é uma forma reduzir esforços para estabelecer interações com a sociedade, e é, também, a estratégia mais comum para garantir que uma mensagem será capturada. "O público é o lugar da visibilidade, na medida em que aquele que fala pode ser visto e ouvido por todos" (Arendt, 1981, p. 59). Concomitante às ações que dão a inserção desse evento religioso no espaço público, coexistem a expressão e representação da própria MPJ dentro da comunidade evangélica, sugerindo em um mesmo evento duas lógicas a serem analisadas.

No Brasil, a Marcha para Jesus conferiu aos atores evangélicos a oportunidade de sublinhar seu novo momento histórico: onde, no espaço público, os fiéis evangélicos frisam sua presença através do grande número de participantes e a escolha de temas que por si só excedem o campo evangélico. Essa presença é expressada, ainda, pela instrumentalização de mídias modernas, pela presença de autoridades públicas e empresários emprestando reconhecimento ao evento, além de artistas próprios com performances dignas das melhores críticas musicais. Tais elementos, no caso de São Leopoldo, apresentam uma comunidade evangélica, no mínimo, mais visível e mais lembrada.

Doravante à imersão na pesquisa, outro desafio encontrado foi lidar com as implicações éticas da pesquisa, pois pairava uma dúvida sobre meus pensamentos: como eu estaria sendo enxergado pelos meus irmãos de fé? Como alguém que pretende promover a comunidade, ou como alguém que está procurando as desconexões internas para jogá-las ao vento? Da mesma maneira, em relação aos organizadores - pois meus questionamentos não sugeriam a lapidação da pedra, mas sim a sua perfuração, até o núcleo. Não era, portanto

somente eu o avaliador: me acompanhava, às vezes, o sentimento de estar sendo avaliado. Ao ouvir os relatos, ao concatenar as falas e as informações prestadas, ao escrever, sentia também um desconforto, talvez "o mal-estar da ética na antropologia prática", como já abordou Roberto Cardoso de Oliveira (2004), pois passava a ser documentado, por minhas mãos, não só as lógicas da construção, mas as descontinuidades, as lacunas, as fissuras existentes entre o discurso, a proposta, a prática e o sentimento das pessoas envolvidas direta e indiretamente.

Minha inserção em campo, a primeira aproximação da MPJ com o olhar voltado para a pesquisa, se deu no segundo semestre de 2014, quando realizei minhas primeiras entrevistas. Elas ocorreram junto a 4 casais e mais uma pessoa, um senhor, sendo um total de 9 indivíduos - todos de denominações diferentes - a saber: Igreja Metodista Wesleyana, Ministério Cristão Renovo, Assembleia de Deus, Igreja Batista Filadélfia e Igreja Pentecostal Pão do Céu. Nessa ocasião eu buscava apenas o universo de pessoas que já havia participado da Marcha, e as encontrei com facilidade nas já referidas igrejas, as quais possuem características pentecostais ou neopentecostais. Procurei, nas entrevistas, apreender como elas eram afetadas pelo evento, entendendo a possibilidade de conhecer uma perspectiva diferente da que era proposta pelo discurso da organização.

Já minha "apresentação oficial"² ao universo de pesquisados aconteceu durante o Café Mensal³ do Conselho de Pastores de São Leopoldo (ConPas SL) no Ministério Cristão Renovo, na manhã do dia 27 de julho de 2015. Eu já havia pedido ao Pastor dessa Igreja, Jair Silva, que me convidasse sempre que acontecesse o encontro no Café, pois eu tinha o interesse de conhecer o que ali se trata da articulação das relações da comunidade evangélica com os agentes públicos do município. Após o café, propriamente dito, mas ainda no encontro, o Pastor Jair me chamou para perto e perguntou se eu gostaria de falar sobre o Trabalho de Conclusão. Aceitei a oportunidade e "pronto, falei!". Logo após esse espaço de falas no encontro fui interpelado por outro participante, Wisley, coordenador do Projeto Brinca Jovem⁴, e o Pastor Enéas, da Igreja Assembleia de Deus Avivamento para as Nações,

² Anteriormente, já em 2014, realizei entrevistas com participantes da MPJ, de diferentes denominações evangélicas, contudo, não havia realizado contato com nenhum pastor, líder ou autoridade evangélica.

³ O café é um encontro mensal promovido pelo conselho, subsidiado, em parte, pela mensalidade de R\$ 10,00. Ali os pastores e esposas (ou pastoras e esposos) tem a oportunidade de publicizar as atividades de sua denominação.

⁴ O projeto Brinca Jovem é liderado por Wisley Pimentel dos Santos, e supervisionado por Pr. Enéias Ribeiro, presidente da Igreja Assembleia de Deus Ministério Avivamento para as Nações. Possui por base de suas ações a

os quais se interessaram pela abordagem que eu daria a meu trabalho. A partir desse momento, este pesquisador sentiu-se empoderado, legitimado, confiante para transitar em meio aos atores que promoveriam a MPJ 2015.

O resultado deste trabalho é fruto de pesquisas documentais, de entrevistas com questionários semi-estruturados, além de diversas observações diretas por mim realizadas e registradas com anotações manuscritas, digitadas ou com gravações de áudio. Está organizado em três partes. O primeiro capítulo deste trabalho aborda a Marcha privilegiando o seu histórico na qualidade de evento, até sua adoção pelo Conselho de Pastores de São Leopoldo (ConPas SL). O segundo capítulo prioriza o aspecto etnográfico da pesquisa, enquadrando os esforços efetivados para que o evento se viabilizasse na prática, valendo-me, ainda, dos depoimentos dados pelos organizadores quando entrevistados. A partir de suas falas e argumentações procurei objetivar o caráter almejado para a Marcha para Jesus em 2015. O terceiro e último capítulo dediquei às observações por mim realizadas a partir da repercussão do evento em todas as suas edições, seja entre os participantes e os não-participantes, colocando em relevo suas perspectivas sobre a MPJ em São Leopoldo.

prestação serviços profissionais em diversas as áreas, a prática de esportes e atendimentos de saúde, buscando, nesse contexto, levar também ensinamentos da bíblia, compreendendo esse conjunto de ações como forma de prestar amparo e apoio à comunidade.

1. CAPÍTULO I - A MARCHA PARA JESUS EM SÃO LEOPOLDO

1.1. DE FORA PARA DENTRO: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A MARCHA EM SÃO LEOPOLDO

A Marcha para Jesus é uma manifestação pública, constitui-se em um meio de dar visibilidade e expressão a questões, inicialmente, de interesse privado, mas que são lançadas como uma demanda coletiva, decorrente de uma moral e de uma ética confessada pelo grupo religioso, do seu *ethos*. No mundo público, afirma, Hannah Arendt, "só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto e ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado" (Arendt, 1981, p. 61). Se a esfera pública é o lugar onde a realidade do mundo se constitui na visibilidade daquele que fala, o espaço privado significa exatamente o lugar da "sombra", daquilo que deve ser escondido contra a luz da publicidade", isto é, o espaço onde as coisas não são dotadas de aparência (Arendt, 1981, p.81).

Dessas considerações sucintas, penso aqui que a definição de Arendt nos auxilia a compreender a atualidade dos agenciamentos operados pelos atores diversos que se atravessam nas manifestações religiosas, com ênfase nas festas religiosas, como espaços que afirmam sua relevância pública, pelos processos de patrimonialização cultural que sobre elas se projetam e, desde tais projeções, deslocam suas esferas de sentido para uma apropriação coletiva mais ampla que a religiosa.

Citação: (Lopes, 2012, p.141)

As afirmações oferecidas pelos autores acima citados motivaram a pesquisa e foram cotejadas com as declarações prestadas na ocasião das etnografias e entrevistas, o campo empírico deste trabalho.

Desenvolvida pelo pastor Roger Thomas Forster, em 1987, em Londres, capital da Inglaterra, a "March For Jesus" (Fig. 1) surge como um movimento que colocava nas ruas a celebração da fé cristã, fundamentalmente na perspectiva evangélica. Segundo o depoimento do Pastor Édson Ferreira Guiné, esse modelo foi importado para o Brasil e a primeira edição aconteceu na cidade de São Paulo-SP, em 1993, liderado pela Igreja Renascer em Cristo, passando primeiramente aos cuidados do Pastor João Gonçalves, da Assembleia de Deus, o qual junto do Pastor Jabes Alencar, da mesma denominação, encomendou a Marcha ao Pastor

Estevão Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, por entenderem que ela não se viabilizaria a partir de sua denominação. Essa primeira edição reuniu mais de 200.000⁵ pessoas na Avenida Paulista, a mais famosa da maior capital brasileira, dando visibilidade a uma identidade consolidada em torno da celebração de Jesus Cristo, elemento central da fé evangélica.



Figura 1 - Imagem da "March for Jesus" em 1987 realizada em Londres, Inglaterra.

Fonte:

O Brasil era neófito em sua relação com a nova Constituição Federal, entretanto seus diferentes grupos sociais, de distintas naturezas e interesses passavam a desembaraçar-se no âmbito público. O constrangimento e as limitações dos anos de ditadura e censura arrefeceram diante do Artigo 5º da nova Constituição. A redemocratização e a possibilidade de uso do espaço público deram incentivo e voz a muitos segmentos sociais no Brasil, de toda sorte de categorias, os quais ainda se reconheciam no (novo) contexto de liberdade de expressão. Manifestações religiosas não sofriam censura, porém, a Marcha para Jesus de 1993, em São Paulo, surge nesse contexto e foi o primeiro grande momento de visibilidade do cristãos evangélicos nas ruas brasileiras. O ato público acontece em São Paulo, anualmente, e é o maior do país, intitulando-se também de "O maior evento cristão do mundo".

Em 2011 ocorreu a primeira edição da Marcha para Jesus (MPJ), com esse nome, em São Leopoldo, sendo realizada pela empresa de eventos Ministério Marcha Para Jesus⁶,

⁵ [://www.renascercristo.com.br/noticias/detalhes/215#.Vk_5ODZdHIU](http://www.renascercristo.com.br/noticias/detalhes/215#.Vk_5ODZdHIU)

⁶ Essa empresa atua na criação, projeto, organização e produção de eventos em geral, além de cursos, seminários, convenções e campanhas publicitárias, tendo se destacado pela promoção de diversas Marchas para Jesus na região metropolitana de Porto Alegre. Segundo o pastor Edson, a escolha do nome da empresa foi inspirada em sua experiência na Marcha para Jesus de São Paulo-SP, procurando abranger as igrejas como um todo, sem distinções denominacionais.

dirigida pelo casal de pastores Edson Ferreira Guiné (Brow)⁷ e Roselane Eva da Rosa . Esse casal morava há poucos anos em São Leopoldo e era chegado de São Paulo, tendo sido membros da Igreja Renascer em Cristo e trabalhado nas oito primeiras edições, desde 1993. Esse *Know How*, e o sabido interesse do Conselho de Pastores de São Leopoldo (ConPas SL)⁸, levaram o Pastor Ademir Martins, que na época era pastor de Édson Guiné, a apresentá-lo ao ConPas SL. Segundo o Pr. Joel Giesta, presidente e um dos fundadores do ConPas SL, não havia ocorrido, ainda, em São Leopoldo, eventos que reunissem número superior a 1.000 pessoas nas ruas. Ele relata que há aproximadamente 14 ou 15 anos foram realizadas duas caminhadas na rua Independência, mas essas não reuniram não mais de 1.000 fiéis cada. Por causa desse histórico e o fato de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, em sua a MPJ, haver reunido em 2011 cerca de 3.000 evangélicos, estimou-se que se houvesse a participação de 1.000 pessoas em São Leopoldo naquele ano estaria de bom tamanho. O então prefeito da cidade, Ary José Vanazzi brincou provocativamente com o Brow e sua esposa Rose, dizendo que se dessa vez os evangélicos reunissem 1.000 pessoas na rua Independência, ele lhes pagaria um churrasco. A MPJ de São Leopoldo em 2011 reuniu, segundo a organização, aproximadamente 10.000 fiéis⁹ e foi considerado o maior evento interdenominacional do estado Gaúcho naquele ano.

Já em 2012, a MPJ de São Leopoldo reuniu cerca de 30 mil¹⁰ participantes (Fig. 2), percorrendo a principal rua da cidade, sendo a única que o fazia na contramão. A Marcha, ao deslocar-se no sentido contrário ao fluxo do trânsito na rua principal figura e incorporava ao evento um caráter simbólico de forte expressão no meio evangélico, reforçando em seu senso comum a necessidade de que, como cristãos, e optantes de uma "outra" escala de

⁷ apelido recebido quando ainda pertencia à Igreja Renascer em Cristo, onde era chamado de *irmão Edson* ou *brother Edson* e depois somente *brow*, como diminutivo de brother.

⁸ Este conselho existe desde 1999 e, no biênio 2015-16, é presidido pelo pastor Joel Giesta da Igreja Aliança Bíblica de Avivamento. A atividade do ConPas SL visa conciliar as lideranças evangélicas da cidade, a fim de promover unidade entre as igrejas, objetivando tanto representar, como deliberar oficialmente sobre assuntos de interesse comum ao segmento evangélico no âmbito do município. Na ocasião das entrevistas foi mencionado que há, nos encontros semanais do ConPas SL, a presença regular de muitos pastores, apesar de muitos outros participarem apenas ocasionalmente das reuniões. Ou seja, apesar do caráter interdenominacional do Conselho, e de ser reconhecido legalmente pelos órgãos públicos, há, na prática, muitas lideranças que não se valem de tal prerrogativa, ou não se reconhecem nesse conselho, fato que corrobora as estatísticas que apresentam a heterogeneidade do campo evangélico brasileiro.

⁹ <http://www.ministeriomarchaparajesus.com.br/index.php?topicos=estatica/page&pagina=marcha 2011>

¹⁰ <http://www.ministeriomarchaparajesus.com.br/index.php?topicos=estatica/single&topico=128>

valores, por muitas vezes vão expressar uma atitude contracultura que diverge dos processos de secularização na sociedade e das ressignificações do religioso geradas a partir dela.



Figura 2 - Marcha para Jesus de 2012: 30.000 participantes e a presença do Governador do Estado do Rio Grande do Sul Tarso Genro

Fonte: <http://www.ministeriomarchaparajesus.com.br/index.php?topicos=estatica/single&topico=128>

A marcha, sob este viés religioso, é uma afirmação pública dos respectivos valores espirituais, além de um meio de evangelismo, que é chamado um convite público para que pessoas se aproximem e conheçam a fé desse segmento religioso. Um dos versículos mais enunciados pelos fiéis evangélicos é Mateus 28:19: *"Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo."* - que sugere um chamado para o anúncio dessa fé e também para dar abertura à inclusão de novos adeptos. O *ethos* evangélico é divulgacionista e, portanto, colocar a própria fé em evidência e apresentá-la aos demais como elemento transformador e transcendente à própria vida é considerado uma consequência natural da maturidade cristã e experiências de fé.

Não existem dados estatísticos sistematizados sobre a MPJ de São Leopoldo disponíveis na rede mundial de computadores, apenas informações avulsas (Como exemplifica a (Fig. 3) em recortes de jornais, em *blogs* e redes sociais. As dimensões numéricas do evento são fornecidas pela própria organização, mas não há registros disponibilizados pelos órgãos de segurança pública, e quase nada nos meios midiáticos. Contudo, o grande número de participantes, a expressão pública conquistada como o caso da

MPJ, constituem relevância ao evento, com um forte capital social que permeia a opinião pública, seja no nível de governabilidade, seja nas suas relações com a sociedade civil.

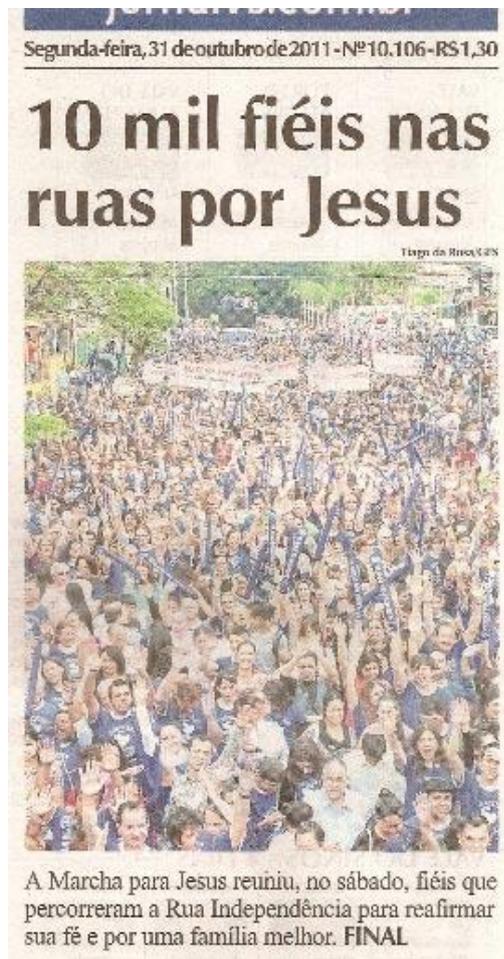


Figura 3 - Publicação avulsa sobre o evento de 2011 obtida na internet

Fonte: <http://www.convensul.com.br/noticia/mais-de-10-mil-pessoas-na-marcha-para-jesus-em-sao-leopoldo/#.VmaI3TZdHIU>

O evento, que sustenta uma expressão da identidade religiosa, tem sido também um meio de visibilidade aos evangélicos, e, por vezes, um instrumento com apelo social, onde questões do cotidianas da sociedades são apropriadas pelo discurso religioso. As religiões cristãs, em seu discurso, afirmam e incentivam uma ética social a partir de sua ótica, visto que, em acordo com sua confissão, a instituição "Igreja" é o instrumento designado por Deus para "transformar" e ordenar o mundo, reconduzindo vidas nesse sentido, e influenciando para o bem a sociedade em todas as suas esferas. As MPJ de São Leopoldo foram sempre pautadas sobre os temas Jesus Cristo ou família. O quadro a seguir aponta alguns dados do evento.

Quadro 1 - Temas da Marcha para Jesus em São Leopoldo

ANO	TEMA	Nº ESTIMADO DE PARTICIPANTES	ORGANIZADOR
2011	Por uma família melhor	10.000	Ministério Marcha Para Jesus
2012	Jesus Salva! Drogas matam!	30.000	Ministério Marcha Para Jesus
2013	A família no coração de Deus	10.000	Ministério Marcha Para Jesus
2014	Em Cristo somos um	15.000	Ministério Marcha Para Jesus
2015	Exaltando o Rei Jesus	5.000	ConPas SL

Fonte: o autor

A MPJ nos anos de 2011 a 2014 foi organizada e coordenada pela empresa Ministério Marcha Para Jesus, cujos e no ano de 2015 foi organizado diretamente pelos pastores integrantes do ConPas SL, sem a contratação de empresa especializada.

A observação realizada em campo não permitiu precisar quais são as denominações evangélicas que compõe a MPJ, haja visto que o discurso sustentado pelos organizadores em todas as edições visa, em tese, omitir as "placas de igreja" a fim de promover um caráter de unidade entre as igrejas, dando centralidade e relevo a fé cristã e ao tema escolhido para o evento. A consequência prática desse discurso é a responsividade da maioria dos participantes, formando uma multidão homogeneizada pelo uso da camiseta da MPJ. Entretanto, de forma avulsa, é possível identificar grupos que segmentam a Marcha, e nesses pequenos coletivos pode-se observar alguns participantes sem a camiseta oficial do evento, mas usando outra que referencia a sua denominação. Além disso, os próprios organizadores, na ocasião das entrevistas fizeram menção a algumas denominações¹¹ que normalmente aderem ou que não se envolvem com a MPJ. O discurso, portanto, é inclusivo; e a observação direta é limitada no que tange à discriminação do pertencimento dos participantes.

Nem todos os evangélicos acreditam que a MPJ é benéfica para a sociedade, ou mesmo para própria "igreja evangélica", não possuindo, portanto, identificação com quaisquer das ações que são desenvolvidas para a execução da MPJ. O trânsito em espaços diferentes do templo onde congrego e a possibilidade de conversar assuntos que considero não pertencer à

¹¹ Algumas denominações que participam: Assembleias de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Universal do poder de Deus, Metodista Wesleyana, Aliança Bíblica de Avivamento, Avivamento Fim dos Tempos, União das Assembleias de Deus, O Brasil Para Cristo, Comunhão Ágape, Catedral dos Milagres, Luterana Renovada, Igreja Apostólica da Paz, Água da Vida, A Serviço do Rei Jesus, Casa de Oração, Encontros de Fé, etc.

"liturgia comum" das igrejas (como as relações entre teologia e sociedade) propiciou-me conhecer abordagens e posicionamentos distintos sobre o tema Marcha para Jesus. Foi nesse contexto onde diferentes atores do campo evangélico, de diferentes igrejas, surgiram como possíveis entrevistados ou mediadores para chegar a outros sujeitos.

1.2. A CONSOLIDAÇÃO DA MARCHA: "... PORTANTO DEEM A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR E A DEUS O QUE É DE DEUS"

1.2.1. "Entre irmãos": um esforço dentro da comunidade evangélica.

A Marcha é primeiramente constituída e constituinte de uma modalidade identitária dentro da comunidade evangélica e depois de uma expressão voltada ao espaço público, tanto religiosa, quanto social, cultural e política, pois o evento reúne em si elementos de todos esses campos, por vezes perceptíveis isoladamente e por vezes imbricados. Em si, a MPJ articula, paradoxalmente, na forma de unidade, um segmento bastante heterogêneo, (leve-se em conta as diferentes formações e correntes teológicas que atuam no campo evangélico brasileiro). Nesse contexto, encontram-se os distintos olhares e posicionamentos sobre o mesmo evento. O recorte de São Leopoldo, contudo, permitiu verificar empiricamente as distintas perspectivas assumidas pelas pessoas segundo seu grau de envolvimento ou independência da MPJ. Entendo que é o desdobramento dessas ações que redundam na força ou na relativização da expressão 'Marcha para Jesus' na esfera privada (meios evangélico) e esfera pública (meio social) de São Leopoldo.

As ações adotadas para a consolidação da MPJ em São Leopoldo operam fundamentalmente em dois níveis de legitimação nos âmbitos de origem, pois o evento é uma projeção do religioso no espaço público. O primeiro nível é inerente à esfera privada, onde se privilegiam as relações internas, entre organizadores e participantes, onde os esforços estão voltados para a formação e afirmação de uma identidade da Marcha dentro da comunidade evangélica; o outro, está ligado com a esfera pública e a as configurações necessárias para a execução da Marcha para Jesus, envolvendo o conhecimento, o usufruto e o cumprimento de disposições jurídicas que viabilizam a Marcha de fato.

Para o primeiro aspecto interessam o discurso e as ações que levam a produção de um sentimento comum, difundido essencialmente na comunidade evangélica, onde o fiel sente que deve fazer parte da Marcha e que a Marcha deve ser incorporada na sua agenda. Em tal discursividade são evocados diversos elementos de produção de identidade e pertença, a partir dos quais deriva a adesão ao evento. Exemplificam esses elementos nomes e temas como: Jesus Cristo, família, unidade, mundo espiritual, atitude profética, louvor, adoração, mostrar a alegria de ser cristão, etc. Esses são elementos eficazes no seio da comunidade evangélica, pois, a partir deles, os participantes entendem que é legítimo sair de suas casas, ou de dentro dos templos, ou ainda, ajustar as agendas de suas denominações para fazerem parte da Marcha. Três proposições gerais acerca da linguagem religiosa são consideradas por Gustavo Andrés Ludueña (2009, 118) ao citar Paul Ricoeur,:

"En primeir lugar toda fé religiosa constituye una "modalidad particular de discurso"; el segundo postulado refiere a que ese discurso es "sensato", y en consecuencia "posee un sentido" para una comunidad singular de adherentes, creyentes, etc; la tercera característica sostiene que tal discurso es "verdadero", quiere decir, tiene un valor de verdad para quienes lo reafirman."

Cabe, no caso da MPJ, lembrar ela consta, não em todas, mas principalmente na agenda das igrejas pentecostais e neopentecostais da cidade, havendo nesse domínio um percentual maior de evangélicos que aderem a Marcha e ao seu discurso.

A heterogeneidade configurada pelas idiosincrasias das denominações evangélicas e o conseqüente esforço do ConPas SL para reuni-las nos remetem à noção de "consistência cultural", sugerida por Gilberto Velho (1999, p. 17) que, ao tratar da heterogeneidade sociológica e a participação comum em torno da manifestação de uma entidade religiosa, um "preto velho", nas ruas de Copacabana, Rio de Janeiro, retoma que:

"símbolos compartilhados, linguagem básica comum, gramaticalidade no processo de interação e negociação da realidade, expectativa e desempenho de papéis congruentes, tudo isso configura um quadro que podemos chamar de consistência cultural"

Face ao exposto, verificaremos que ações como a oração, o canto, a performance corporal (o estender as mãos, o pisar no solo) e o uso das palavras como "chaves" de autoridade e eficácia para a transformação de realidades são "elementos presentes nos templos com cultos pentecostais" e exportados também para as ruas através da MPJ. Este evento em São Leopoldo traz consigo o desafio de superar a heterogeneidade existente no campo evangélico, visando a consistência cultural. Os capítulos que se seguem registrarão as estratégias e

metodologias utilizadas em 2015 pelos organizadores da MPJ para fazer convergir a comunidade evangélica para o evento.

1.2.2. Preparando o caminho da Marcha: a consolidação acontecendo fora do domínio religioso.

Desde 1993, a partir de São Paulo-SP, e depois em todas as suas regiões, o Brasil "assiste" em suas ruas as Marchas para Jesus, cujo segmento principal, o evangélico, desenvolveu-se aproximadamente 150% em vinte anos, passando de 9,0% da população brasileira em 1991 para 22,2% em 2010, segundo dados do IBGE (Gráfico 1; Quadro 1). Obviamente as MPJ, que iniciaram em 1993, não são a causa exclusiva desse crescimento. Outros fatores contemporâneos acompanhavam o fenômeno, como a recente redemocratização do país, a Constituição Federal de 1988 e, no domínio religioso, o surgimento e fortalecimento das igrejas evangélicas neopentecostais, base humana das MPJ.

Quadro 1 – População total e grupos religiosos do Brasil

Anos	População total	Católicos	Evangélicos de missão	Evangélicos pentecostais	Evangélicos não determinados	Outros	Sem religião
1980	119 009 778	105 860 063	4 022 330	3 863 320	x	3 310 980	1 953 085
		89,0	3,4	3,2	x	2,8	1,6
1991	146 815 795	122 366 690	4 388 311	8 179 666	589 459	4 345 432	6 946 237
		83,3	3,0	5,6	0,4	3,0	4,7
2000	169 872 856	124 980 132	6 939 765	17 617 307	581 383	7 261 866	12 492 403
		73,6	4,1	10,4	0,3	4,3	7,4
2010	190 755 799	123 972 524	7 686 827	25 370 484	9 218 129	9 172 325	15 335 510
		65,0	4,0	13,3	4,8	4,8	8,0

Fonte: Religião e território no Brasil: 1991/2010 (PUC-Rio, 2013)

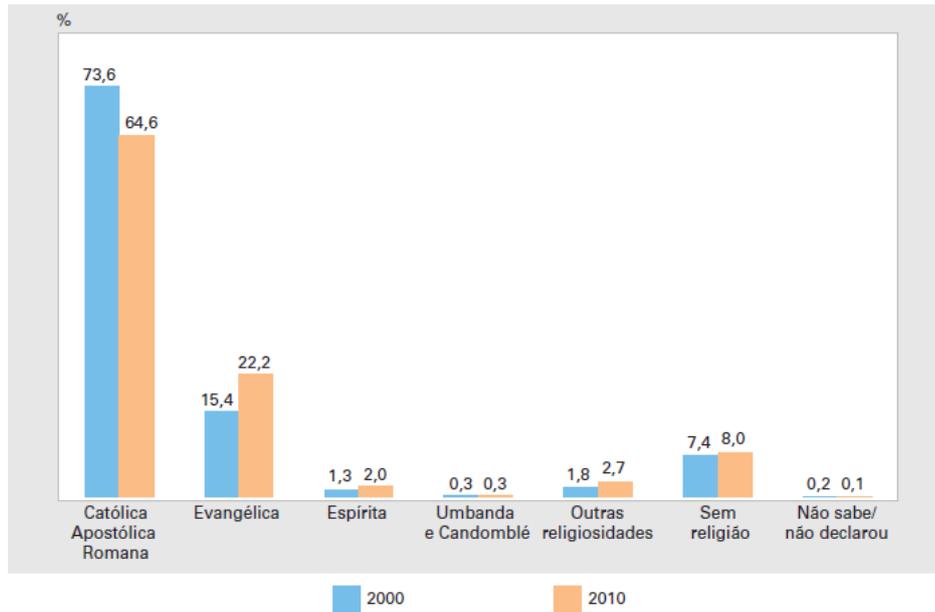


Gráfico 1 - Percentual de população, segundo os grupos de religião - Brasil 2000/2010

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000-2010

Através desse evento, a comunidade evangélica tem se apresentado ao país, valendo-se dos mesmos benefícios constitucionais conferidos a outras organizações e instituições no contexto democrático brasileiro. A possibilidade de ocupar espaços na mídia, registrando multidões, de contar com a presença de autoridades municipais/ estaduais para prestigiarem o evento, entre outros, dá visibilidade e relevo à Marcha, agregando capital político a essa forma de manifestação. Ao passo que, na esfera privada, os fiéis evangélicos incorporam um sentimento de autoestima, aumentando o desejo de expressar a própria fé, haja visto o *ethos* divulgacionista presente no meio protestante. Essa representação, conquista a atenção de pessoas que, antes distantes, agora tem uma possibilidade de conhecer e aproximar-se da cultura evangélica.

A noção de colaboração entre Estado e religião, fundamentos constitucionais no Brasil desde 1934, possibilitou que em São Leopoldo-RS ao longo de sua história legislativa fossem promulgadas dezenas de leis e decretos municipais que tem Igrejas Evangélicas como ente favorecido. Dentre estes, o segmento evangélico, em diferentes momentos, foi contemplado em diferentes áreas, como a fundiária (terrenos), doação de material de construção e parcerias com o poder executivo municipal para atividades de serviço social. A possibilidade de reciprocidade e a capacidade de capilarização da ação social das organizações religiosas acarreta "parcerias" que visam o benefício social.

Há, também, outras formas de vantagens advindas de leis municipais com maior carga de valor simbólico pelo que representa e transcende aos ganhos materiais já citados. Exemplificam esses casos a avenida denominada Igreja do Evangelho Quadrangular¹² (LEI Nº 2343/1982), no então loteamento Madezatti, bairro Feitoria e, ainda, o reconhecimento da Igreja "O Brasil Para Cristo" como de utilidade pública (LEI Nº 3.246/1987). O nome da Igreja (denominação) e a própria visibilidade se constituem um referencial tanto material quanto simbólico para as relações com a esfera pública, pois, sendo as ruas lugar de muitos, e espaço público de interações, quer para passagem, quer para a permanência de pessoas, incorpora-se na memória coletiva da comunidade local.

Outras aproximações jurídicas que merecem relevo foram as promulgações das Leis Municipais 6.499/2007 e 7.204/2010, cujo conteúdo institui, respectivamente, a Semana da Família Cristã em São Leopoldo e o Dia do Evangélico - para este último a Lei não menciona data, entretanto o ConPas SL comemora no dia 31 de Outubro, quando também é comemorada a Reforma Protestante. De formas semelhantes, porém com distinções, essas conquistas conferem empoderamento à instituição religiosa no espaço público onde ela está inserida, primeiramente dentro do próprio segmento religioso onde por elas os discursos são legitimados e, tanto as relações de autoridade, como as de pertencimento são fortalecidas; e, depois, na esfera pública, a legitimidade aparece na forma de legalidade diante da comunidade que a circunscreve. Tanto uma Lei que altera o calendário oficial da cidade, como aquela que reconhece a utilidade pública de uma Igreja, ou mesmo a que "batiza" uma rua legitimam e credibilizam a o segmento religioso como um referencial na esfera pública na cidade.

Mais recentemente, em 2013, a Lei nº 7.950/2013, que (reconhece e) declara a Marcha para Jesus um evento comunitário religioso, angariou, assim, apoio financeiro do município para sua realização naquele ano. A data escolhida para MPJ, foi a mesma dos dois primeiros anos: realizar-se-ia na Semana da Família Cristã, no sábado da última de do mês de outubro de cada ano. A lei conferiu ao município a responsabilidade de apoio ao evento com a quantia de R\$ 50.000,00, caracterizado como subvenções sociais, no item Projetos de Fomento às iniciativas na música, gerido pela Secretaria de Cultura do município. Cabe ressaltar que, segundo a organização tal apoio ocorreu entre os anos de 2011 e 2013, e que a

¹² Em contato com o pastor João Antônio Araújo, da Igreja do Evangelho Quadrangular (Lei Municipal 2343/1982 e 2.357/1983) do bairro Feitoria, foi -me informado que a rua de mesmo nome hoje chama-se João Carlos Haas Sobrinho (Lei Municipal 4021/1994).

principal fonte de recursos da MPJ advém de contribuição das igrejas participantes, da venda de camisetas e de patrocínio de empresários locais.

Leis específicas e políticas nacionais de incentivo à cultura permitem que diversos pertencimentos culturais, e inclusive muitos eventos religiosos, quando assim enquadrados¹³ captem também recursos públicos como incentivo para sua realização. O evento foi também inscrito no Programa Nacional de Apoio à Cultura¹⁴ em 2014, no Sistema de Apoio às Leis de Incentivo a Cultura (SALIC), representado por José Roberto Bitencourt Bairros, da empresa ZK produtora (São Leopoldo), em parceria com o Ministério Marcha para Jesus, onde, na modalidade de mecenato, os incentivos oriundos de pessoas físicas ou jurídicas poderiam ser deduzidos da respectiva Declaração Anual do Imposto de Renda. Segundo os organizadores, em função da data avançada da inscrição no PRONAC não se fez possível viabilizar recursos para o evento de 2014. Nota-se que, a partir do percurso supracitado, a MPJ, junto do campo evangélico de São Leopoldo, apresenta um "itinerário" de inserção, afirmação e consolidação da visibilidade do religioso no espaço público, viabilizado através de dispositivos legais.

¹³ Lei Federal 12.590, de 9 de Janeiro de 2012, altera a Lei Rouanet (8.313, de 23 de Dezembro de 1991), reconhecendo a música gospel e eventos a ela relacionados como manifestação cultural.

¹⁴ (PRONAC - nº 145.250)

2. CAPÍTULO II: A MARCHA DO PONTO DE PARTIDA ATÉ A APOTEOSE

Além de conquistar espaço e relevância na memória pública da São Leopoldo, de obter o reconhecimento de sua utilidade para inclusão social enquanto evento comunitário-religioso, a MPJ promove novas adesões ou mesmo objeções em relação a si. A produção de uma imagem positiva e de uma cultura em torno de si envolve diversos atores, momentos e lugares. O pastor Edson Brow, nos primeiros anos, relatou esforços contínuos para a participação do maior número de igrejas possíveis, envolvendo, também entes que poderiam subsidiar parte das despesas do evento. Para alcançar esse fim, ele se valia da oportunidade de visitar templos de diversas denominações evangélicas e, nelas, realizar a divulgação aos membros. Em 2015, a MPJ de São Leopoldo foi assumida em sua totalidade pelo ConPas SL, deixando de haver a contratação da empresa¹⁵ responsável pelas primeiras edições e a execução do evento passou a ser coordenada pelos membros de sua diretoria. O evento desse ano, então, foi (re)pensado, projetado, formulado a partir das reuniões internas semanais do ConPas SL, nas quartas-feiras, na Igreja Aliança Bíblica de Avivamento.

¹⁵ Essa questão não foi aprofundada pela pesquisa, contudo em comentários posteriores à entrevista realizada, a mudança de direção foi justificada de maneira geral pelo CONPAS-SL, como "mudanças gerais no controle dos procedimentos da marcha, que nos anos anteriores vinha sendo executada por uma empresa contratada para execução do evento, Empresa de eventos Marcha para Jesus e também devido aos custos elevados da Marcha, que esse ano não obteve nenhum patrocínio municipal, o que ocasionou também a não contratação da referida empresa. Em vista disso, o CONPAS-SL resolveu assumir a execução geral da Marcha para Jesus 2015." Junto aos proprietários também não houve aprofundamento dessa questão; entretanto, foi mencionado que o rompimento pode ter sido dado a partir da incompreensão sobre a visão de trabalho (espiritual e social) exercida pelo Ministério Marcha Para Jesus e a necessária forma atuação que o evento exige de seus coordenadores para o êxito de atividades com as características da MPJ

2.1. O JANTAR DE LANÇAMENTO

A fim de que reunissem o maior número de representantes possíveis das denominações, igrejas e congregações da cidade, o conselho promoveu um Jantar de Lançamento para a Marcha para Jesus 2015, o qual foi realizado entre 20h 30min e 22h da segunda-feira, dia 31 de agosto do mesmo ano no salão do templo da Igreja Aliança Bíblica de Avivamento (Fig 4), no bairro Rio dos Sinos. O jantar foi organizado e coordenado pelos Pastores Jair Silva e Thiago Douglas (Ministério Cristão Renovo) e Reginaldo Magalhães (Primeira Igreja Batista). Foram confeccionados convites (Fig 4), dirigidos a pastores e seus cônjuges. A recepção dos convidados foi feita pelo pastor Jair Silva, e a identificação dos convites para a designação dos lugares às mesas foi feita pelo Pastor Thiago Douglas e sua esposa Vanessa Silva (Fig. 4). Ainda, na entrada do salão estavam dispostos cartazes, panfletos e camisetas temáticas da MPJ 2015. Nessa ocasião, desde a chegada dos convidados até o momento de despedi-los o Pr. Thiago apresentou-me a diversos outros pastores, os quais concederam a oportunidade de entrevistá-los posteriormente.

Elencaram o evento, além de 90 casais representantes de congregações da cidade, os próprios integrantes do ConPas SL, artistas e produtores locais que se envolveriam com a Marcha até sua realização, como o cantor Cairon Roberto e Fabinho Vargas (ex-músico do Grupo Tchê Guri) e o Deputado Estadual Tiago Simon (filho do Senador Pedro Simon). A cobertura do evento aconteceu sob responsabilidade da Rádio Evangélica Feitoria, a qual, ao vivo, transmitiu diversas entrevistas realizadas durante o lançamento. Fizeram-se presentes no evento o casal que coordenou a MPJ nos anos anteriores, pastores Édson (Brow) e Roselane Guiné, os quais não falaram ao microfone principal, porém foram procurados e cumprimentados por diversos convidados no decorrer do encontro, prestando, inclusive, entrevista à Rádio Feitoria (Fig. 4).



Figura 4 - Imagens do Jantar de Lançamento da Marcha para Jesus 2015

Fonte: o autor

O roteiro para o lançamento da Marcha naquela noite foi cumprido da seguinte maneira: iniciou com a abertura com palavras de boas vindas seguida de uma oração do Pastor Joel Giesta; logo após, um momento de música, dedicado aos louvores, com duas canções conduzidas pelo músico Cairon. Os louvores foram seguidos de uma pregação, uma breve mensagem entregue pelo Pr. Joel Giesta, ancorada no texto bíblico de Gênesis 29:1-8, através da qual o pregador enfatizou a importância e a necessidade da unidade, de agir em unidade, como algo que sempre esteve no coração de Deus. A oração, o louvor e a mensagem bíblica são práticas dificilmente prescindidas em uma reunião evangélica. Estas são forma de prestar culto a Deus e também de encontrar reconhecimento dentro da comunidade evangélica, buscando legitimar, assim, as intenções de quem fará o uso da palavras para com o público.

Após esse momento o produtor de eventos Fabinho Vargas apresentou aos presentes o vídeo oficial de divulgação da MPJ, o qual estaria nas redes sociais a partir daquele dia - Fabinho orou, ainda, pelo estado do Rio Grande do Sul. O deputado Tiago Simon, fez uma breve exposição, valorizando, também, o papel da Marcha em São Leopoldo. Aconteceu, então, o momento da refeição que foi servida na forma de *buffet*. Depois, enquanto os convidados ainda terminavam de consumir o jantar, o Pastor Paulo Jair assumiu a preleção e expôs aos pastores como ocorreria, tecnicamente, a MPJ daquele ano. Reportou-se ao que tangiam os recursos financeiros necessários, à possibilidade de apoiadores usarem sua

logomarca na bandeira da MPJ, ao uso do espaço comercial no Largo Rui Porto (onde a Marcha iniciaria e terminaria) e à explicação da mudança do percurso da caminhada.

Houve ainda uma outra mensagem, em um período mais curto que a anterior e, a partir dessa, o convite a que os presentes ofertassem, se assim sentissem em seu coração. Após o encerramento, diversos vídeos de lançamento foram gravados naquele local e mais entrevistas foram realizadas pela Rádio Feitoria. A partir dessa data as camisetas do evento passaram a ser vendidas no âmbito das igrejas, ou junto aos organizadores da Marcha. Ao longo dos dois meses entre o lançamento e a Marcha era possível encontrar diversas pessoas usando a indumentária em São Leopoldo - nas ruas, no interior de lojas e até junto a semáforos vendendo produtos eletrônicos. Assim a MPJ também era anunciada pela representatividade das camisetas.

2.2. OS ENCONTROS E SAÍDAS PARA AS DIVULGAÇÕES DO EVENTO

Nos 61 dias decorridos entre 31 de agosto e 31 de outubro de 2015, as datas respectivas do lançamento e da realização da MPJ em São Leopoldo, ocorreram, oficialmente, de maneira programada e dirigida, duas atividades denominadas evangelismo, onde se realizou em cada uma delas a divulgação do evento. Ambas foram coordenadas pelo pastor Thiago Douglas, que fora designado pelo ConPas SL para atuar junto aos líderes de jovens das igrejas evangélicas da cidade no sentido de conferir unidade entre as diferentes denominações existentes no município.

Esse papel permitiu também ao pastor Thiago que se valesse de contatos pessoais e telefônicos preexistentes para que convidasse e reunisse o maior número de participantes para estarem na divulgação da Marcha. Através do aplicativo WhatsApp, reuniu em um grupo dezenas de contatos da comunidade evangélica local. No grupo em questão os contatos tomavam conhecimento das propostas de datas e locais com respectivas alterações, para a realização das divulgações (Fig. 6). Na condição de pesquisador, ou "jovem" evangélico de São Leopoldo, no dia 1º de Setembro fui adicionado pelo pastor Thiago Douglas. Essa modalidade de inserção permitiu-me, doravante, ter ciência das atividades voltadas à MPJ 2015, onde quer que eu estivesse. Três datas foram estipuladas para a realizar panfletagens;

entretanto, uma foi cancelada devido ao tempo instável: a do bairro Campina, que ocorreria na região da Igreja Apostólica da Paz, do presidida pelo pastor Ademir Martins.

A primeira divulgação aconteceu no sábado, 19 de setembro, pela manhã, na avenida Integração, bairro Feitoria, com a concentração inicial na Igreja Comunhão Ágape, presidida pelo pastor Jairo. Reuniram-se para o trabalho aproximadamente 25 pessoas naquele dia. A coordenação geral ficou a cargo pastores Thiago Douglas e Jairo. Todos receberam panfletos para entregar aos transeuntes, nos estabelecimentos comerciais para os clientes que ali passassem, colocação nos para-brisas dos veículos estacionados ao longo da Av. Integração e aqueles que paravam no semáforo da Av. Feitoria. Eu, que estava tomando notas em meu diário de campo e fazendo registros fotográficos, também recebi um maço de panfletos para também divulgar a MPJ. No percurso de cerca de 800m, entre o "palquinho" da Av. Integração e o "sinal" da Av. Feitoria foram entregues, segundo o pastor Thiago Douglas, cerca de 5.000 de panfletos, além de muitos cartazes nos estabelecimentos comerciais dos bairros. Dois fatos me chamaram a atenção, dos quais somente um pude fotografar - eles traduzem a pluralidade e a coexistência dos pertencimentos (e *subpertencimentos*) religiosos no Brasil: o primeiro é a entrega de convites para a Marcha no interior de uma Flora, na avenida Integração; o segundo, é que enquanto eu distribuía panfletos da MPJ, recebi também um outro panfleto para assistir cultos na Igreja do Evangelho Quadrangular do bairro (Fig. 7). Naquele dia a divulgação foi encerrada por volta de 11h da manhã, em função da forte chuva que acometeu a cidade.

A segunda ocasião, onde se anunciou MPJ prévia e coletivamente nas ruas de São Leopoldo foi em 17 de outubro. Sábado também, porém, ensolarado. O encontro, desta vez, foi no centro da cidade, rua José Bonifácio, na Igreja Encontros de Fé, onde os participantes foram recebidos pelo Pastor Mauro, um dos responsáveis pelo local. Semelhante ao que aconteceu no bairro Feitoria, as ações de coordenação ficaram a cargo do pastor Thiago Douglas e o Pr. local. O campo de trabalho foi, nesse ensejo, mais abrangente que o anterior, pois foram percorridas em quase sua totalidade, quatro das principais ruas de São Leopoldo, todas com um grande número de pessoas de pessoas ou veículos estacionados (Fig. 8). Ao sair às ruas deparei-me mais uma vez com a concomitante panfletagem para um outro evento evangélico que ocorreria na cidade naquela a noite, representando que ao mesmo tempo que a MPJ ocorre como um movimento de unidade, as igrejas individualmente dão conta de sua própria agenda, atuando em domínios da fé que a MPJ não dá conta enquanto evento ou movimento. Essa foi a segunda e última saída de divulgação para a Marcha de 2015.

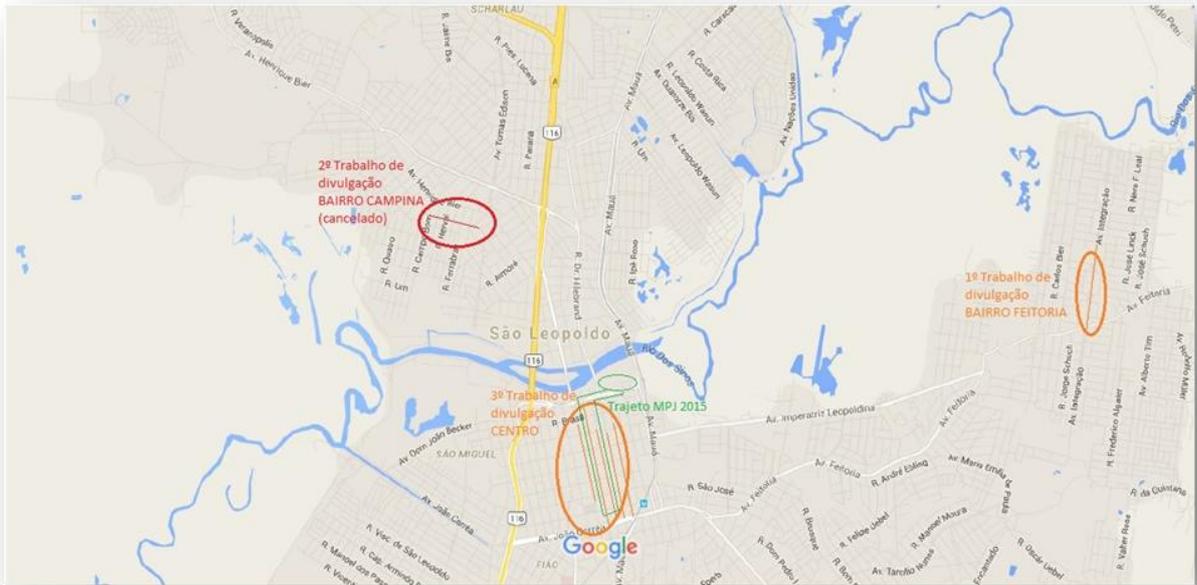


Figura 5 - São Leopoldo: locais de divulgação da Marcha para Jesus 2015

Fonte: Google Maps/ o autor



Figura 6 - Mobilização de pessoas para as divulgações da Marcha para Jesus através do WhatsApp

Fonte: o autor



Figura 7 - Divulgação da Marcha dentro de uma Flora e panfleto distribuído pela Igreja Quadrangular durante a divulgação da Marcha no bairro Feitoria

Fonte: o autor



Figura 8 - Imagens da divulgação da Marcha para Jesus realizada no centro de São Leopoldo

Fonte: o autor

2.3. A VIGÍLIA, A ORAÇÃO NO MONTE E A UNÇÃO NO LARGO RUI PORTO COMO ATOS DE CONSAGRAÇÃO

O templo da Igreja Aliança Bíblica de Avivamento (ABA) foi central para a MPJ 2015, já que, além dos encontros semanais do próprio Conselho, ocorreram o jantar de lançamento e a vigília para consagração do evento que ocorreria em 31 de outubro. Tal vigília congregou, na noite de sábado, 24 de outubro, cerca de 80 pessoas com o objetivo dedicar aquele tempo a Deus em forma de culto, tendo início às 21h e término às 0h 45min. Durante os primeiros 80 minutos parte do tempo foi dedicado em parte aos cantos de louvor e adoração e em parte à preleção de uma mensagem bíblica pregada pelo Pastor Joel Giesta, quem, ao final desse tempo, conduziu um momento de oração pela cidade, pelo estado do Rio Grande do Sul e pela MPJ. Houve, na sequência, um intervalo de aproximadamente 30 minutos e, após ele, repetiram-se os eventos anteriores, com outras canções e uma nova mensagem, cujo pregador foi o pastor Enéas Ribeiro. A vigília foi encerrada após um intenso momento de oração, dirigido pelo próprio pastor Enéas, envolvendo todos os presentes no templo.

Seis dias após o encontro no templo da Igreja ABA, em 30 de outubro, um outro ato de cunho espiritual ocorreu em prol da realização da MPJ: a ida ao monte, a qual consistiu em momentos de específicos dedicados exclusivamente à oração e à declaração de palavras com sentido profético, as quais afirmavam que a MPJ, desde o mundo espiritual até sua realização física, era propósito de Deus e estava guardada pela mão dEle e que todas as ações necessárias para seu acontecimento não sofreriam influência alguma dos planos do inimigo. A fim de complementar esse primeiro ato, ao retornar do monte, ocorreu um ato de consagração do largo Rui Porto onde foram ungidos¹⁶ diversos pontos daquele espaço. O ato de unção, com o mesmo objetivo da oração do monte, pretendeu selar o local, impedindo que outras presenças espirituais, que não a de Deus e seus anjos operassem naquela região da cidade. Dali despediram-se e encontraram-se novamente já envolvidos com a Marcha propriamente dita.

¹⁶ A unção é um ato de consagração realizado, normalmente por líderes eclesíasticos, com óleo aplicado sobre a pessoa ou objeto que se deseja consagrar. O óleo/azeite simboliza o Espírito Santo e ao ser aplicado representa a presença de Deus e, conseqüentemente, "a legalidade do mal está quebrada" e este pode ser desfeito.

Tanto à vigília quanto oração no monte, são atos comuns no meio evangélico. De maneira geral, são consideradas uma forma render busca e alcançar a presença de Deus, aprimorar a espiritualidade, bem como consolidar petições, conquistas e a autoridade no mundo espiritual. Não são práticas fomentadas por todas as denominações evangélicas, entretanto, é parte da concepção teológica de igrejas neopentecostais e, principalmente, das pentecostais, as quais tem como características a busca pelo Espírito Santo e seus dons e o exercício da autoridade sobre espíritos malignos e a libertação de quem por eles está sujeito. A participação em vigílias e subir ao monte são, portanto, consideradas formas eficazes de afetar o mundo espiritual e permitir que Deus opere sobrenaturalmente nas causas que a ele são levadas. A MPJ é composta majoritariamente por cristãos evangélicos pentecostais e neopentecostais e, a partir dessa perspectiva, esses dois atos foram fundamentais para o êxito da Marcha no dia 31 de outubro. Ainda, segundo o Pr. Jair Silva,

"nestes últimos anos Igrejas Evangélicas tradicionais (não pentecostais), como a PIB (Primeira Igreja Batista), tem participado efetivamente de todas as atividades, sendo notório que os evangélicos buscam unirem-se naquilo que lhes é comum, evitando fomentar assuntos peculiares às diversas vertentes evangélicas (pentecostais, neopentecostais e tradicionais), pois são tão poucos os temas que as diferem que não chegam a gerar motivos para não andarem juntos, fortalecendo assim, a unidade de cristãos evangélicos..."

O comentário do pastor aponta que para a consolidação da Marcha, além de pesarem as ações voltadas às pessoas e aquelas voltadas ao reino espiritual, se pretende também encontrar unidade entre os líderes das igrejas, convergindo para a consolidação das pretensões da MPJ

2.4. PERCORRENDO O CAMINHO DA MARCHA

2.4.1. As primeiras edições

Tradicionalmente o início do evento ocorria com a concentração dos participantes na esquina da Av. João Correa com a Rua Independência, duas importantes vias da região central de São Leopoldo (Fig. 9). Os participantes chegavam a partir do meio-dia e, até o início da caminhada, as 14h, o pastor Brow protagonizava a interação com o público, pois, de cima de um trio elétrico, saudava os "irmãos" que chegavam para a celebração, abria espaço

para que as bandas tocassem canções e as cantassem com o público já presente; além de fazer, junto dos demais pastores, orações para abençoar São Leopoldo, seus políticos e seus gestores, suas famílias, sua economia, etc. Subiam também no mesmo trio elétrico pastores do Conselho local e figuras importantes do município, como, por exemplo, o prefeito em exercício. No ano de 2012, quando foram reunidas cerca de 30.000 pessoas, o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, estava presente na abertura do evento. Os fiéis que chegavam encontravam uma atmosfera envolvente, onde o público a cada instante tornava-se mais motivado e comprometido com sua manifestação de fé. Esse, talvez, é um dos momentos mais relevantes da marcha, pois é quando a proposta e o discurso da Marcha materializa-se entre os participantes, traduzindo-se em um comportamento homogêneo ao longo do evento.



Figura 9 - Concentração para Marcha para Jesus do ano de 2012

Fonte: A Pany Produções

A caminhada percorria a principal via da cidade, a Rua Independência, no sentido contrário ao fluxo dos veículos, utilizando, normalmente, de três a cinco trios elétricos (dependendo do ano) com bandas locais, entre os quais a multidão era distribuída. Nesse caminho encontram-se os principais estabelecimentos comerciais da cidade, e o próprio movimento no interior deles é afetado, pois o volume dos equipamentos de som e as muitas vozes chamam a atenção para as ruas. Pessoas nas calçadas paravam para assistir a MPJ, alguns clientes e funcionários das lojas vinham para as calçadas para fotografar ou filmar o

momento, correspondendo, assim, àquilo que se propõe a Marcha: dar visibilidade, chamar a atenção para si.

Da mesma forma que muitas pessoas acolhiam o evento na rua Independência, outras tantas desaprovavam aquele ato, fosse pelo barulho, fosse pelo trânsito interrompido, fosse pela discordância ideológica com a proposta da MPJ. Este pesquisador observou, inclusive, o momento em que o motorista de um FIAT Uno vermelho avançou seu veículo contra o pastor Brow que, antes da chegada de um Guarda Municipal, posicionou-se em uma esquina sinalizando que o trânsito estava interrompido no local. Isso aconteceu no final da Marcha de 2014, próximo ao Largo Rui Porto; entretanto, e apenas consegui fotografar o veículo instantes após esse incidente.

A "apoteose", o momento do final da Marcha ocorria no já citado Largo Rui Porto, onde, um artista ou banda de música de grande expressão entre os evangélicos no país fazia sua apresentação. Essa fase final da MPJ tinha a duração de aproximadamente 90 minutos, tempo em que, além da performance das músicas, havia a pregação de uma breve mensagem evangelística, pontuando sobre o pecado e o amor de Deus para como o homem, concluindo com a oportunidade para que pessoas pudessem decidir pelas suas conversões ao evangelho de Jesus Cristo. Como ato de encerramento, os pastores do ConPas SL e da organização, agradeciam a participação dos presentes e realizavam uma oração para o a despedida do público.

2.4.2. A Marcha em 2015

O horário divulgado pelo ConPas SL para a concentração do público antes da Marcha foi as 13h do dia 31 de outubro de 2015, e antes mesmo desse horário, estive no largo Rui Porto, por volta do meio dia, e pude observar, espíritas e evangélicos (aparentemente caracterizados) se entrecruzando na área comum entre o Largo e o Ginásio municipal. É que enquanto ocorria a concentração da MPJ no Largo, ao lado, no Ginásio Municipal Celso Morbach, estava acontecendo o "Encontro de Amor e Caridade ao Próximo", promovido pelo Centro Espiritual Dr. Adolph Fritz de Sant'ana do Livramento-RS. Nesse encontro realizavam-se curas espirituais através de intervenções mediúnicas. Na área comum aos dois eventos não havia, ainda, muitos participantes da MPJ; contudo, me foi possível registrar, juntas, pessoas tanto vestidas de branco (espíritas ou simpatizantes) como de camisetas azuis

(participantes da MPJ) (Fig. 10), cada qual com sua fé e seu objetivo. Gilberto Velho (1999, p. 14), que aponta essa como uma das principais características das sociedades complexas: a coexistência de diferentes estilos e visões de mundo. E ali foi o caso de perceber o espaço público como espaço de todos, democrático, eclético, ou tão somente público.



Figura 10 - Espíritas e evangélicos caracterizados: eventos religiosos distintos no mesmo espaço público

Fonte: o autor

Fechado esse parêntese, retomo o assunto MPJ, cuja concentração teve início as 12h. Nesse horário, porém, haviam poucas pessoas além dos comerciantes organizando seus estandes com lanches e técnicos de som checando os equipamentos. Os participantes chegavam para a concentração desde as 12h; outros, quando a Marcha já estava em movimento. Os músicos Cairon Roberto e Fabinho Vargas do palco fixo, cantaram muitas canções evangélicas com o público e, além disso, ambos falaram à multidão. O Fabinho, contou seu testemunho de conversão à fé cristã de maneira a incentivar a fé das pessoas que já estavam ali, levando-as a crer que a MPJ poderia ser a oportunidade para que outras pessoas pudessem se achegar a Deus. Já o Cairon enfatizou suas palavras motivando os participantes a valorizar a oportunidade de falar de Jesus Cristo às pessoas nas ruas e lembrava a multidão que o nome de Jesus Cristo, acima de qualquer coisa era única coisa que deveria ser exaltada.

O prefeito da cidade, Anibal Moacir da Silva, foi convidado para a MPJ e, minutos antes do início do deslocamento, ainda no Largo Rui Porto, discursou alguns

minutos, considerando a Marcha para Jesus "do bem" e necessária para a comunidade leopoldense e que, portanto, é um evento que ele apoiava. Antes da partida o pastor Joel Giesta orou para oficializar o início e o pastor Ademir Martins (ConPas SL) fez um *briefing* da Marcha em si com os participantes. O deslocamento da Marcha teve início as 15h 05min, fazendo uso de dois trios elétricos dispostos entre o público. Percorreu praticamente o mesmo caminho dos anos anteriores, sendo, desta vez, no sentido das vias e não na contramão. O Largo Rui Porto foi ponto de concentração e o local de encerramento, indicando que a Marcha em 2015 teve um caminho de ida e volta (Fig. 11). Ela teve início no próprio Largo, partindo pela Av. Dom João Becker por dois quarteirões até a Rua Independência” passando pela esquina da Câmara de Vereadores do município, deslocando-se mais sete quadras até a rua São Caetano - um quarteirão antes da Avenida João Correa, retornando ao local de início pela Rua Marquês do Herval até a Av. João Becker e entrar novamente no Largo Rui Porto.

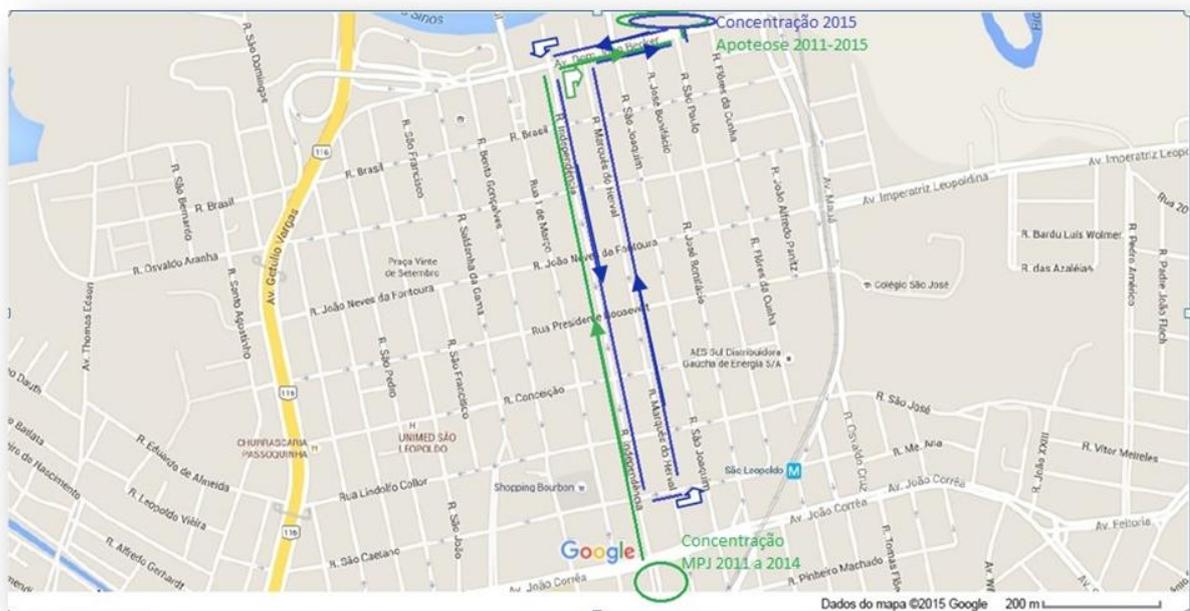


Figura 11 - Trajeto da Marcha para Jesus no centro de São Leopoldo (edições de 2011 a 2015)

Fonte: Google Maps/ o autor

Especificamente alguns movimentos chamaram a atenção: o surgimento de plateia nas calçadas e a iniciativa dos participantes em interagir com essas pessoas. Pude observar algumas vezes um participante com a inscrição "Jesus" em seu corte de cabelo por várias vezes parando, cumprimentando e dirigindo a palavra a pessoas que assistiam a MPJ nas

calçadas e, depois, a um morador de rua com o qual se deteve por um tempo maior. Ao final do percurso, soube da parte de minha esposa, Vanessa, que havia muitos participantes mobilizados da mesma forma e não apenas aquele.

A multidão, o alto som dos trios elétricos e, o entusiasmo das vozes cantando e bradando, mereceram um estudo de caso específico de Raquel Sant'ana (2014) na MPJ do Rio de Janeiro. Foi onde autora demonstrou que o som extrapola o traçado das ruas e chega a diversos ouvidos, religiosos e seculares também. Não é diferente em São Leopoldo, pois os participantes retroalimentavam-se com próprio som das músicas e das vozes, somando-se à simpatia de quem se agradava, ou mesmo ignorando a desaprovação de quem nada tem a ver. A partir desses movimentos de interação com o público e a penetração do som dos alto-falantes nos ambientes e ouvidos secularizados, parafraseio Raquel Sant'Ana (2014, pag. 10), quando afirma em seu artigo que "os sons são capazes de efetivar as relações entre Deus, os homens e a cidade, tomada pelo diabo, que as orações e louvores dos fiéis vem retomar". A MPJ alcança as ruas e os ouvidos, se faz presente no espaço público, sendo ela ainda experimentada voluntária e involuntariamente por cada sujeito disposto no lugar onde ela acontecia. Na sua passagem pelo centro de São Leopoldo e, principalmente na figura dos evangélicos, a MPJ deu retratou e deu relevo a uma modalidade de expressão de fé, quer para a esfera pública, quer para o *mundo espiritual*, creditando visibilidade ao campo evangélico.

2.5. A APOTEOSE, O ENCERRAMENTO E A DESPEDIDA

A etapa seguinte teve início com a chegada dos participantes da caminhada, hora em que o evento dirigido, conduzido pelo músico Israel Salazar e a banda Diante do Trono, cuja gravadora e ministério representam um dos grupos evangélicos de maior influência no Brasil nos anos 2000. Apesar de esta etapa acontecer somente após 85min de caminhada, a celebração, com música, cantos e performances continuou a envolver muitos participantes da Marcha. Essa fase final, esse *show*, durou cerca de 90 minutos. A performance musical do artista foi deveras qualificada e digna das melhores críticas. Mas, além disso, para o que cabe a este trabalho, destacou-se a tônica assumida por ele ao dirigir-se a plateia: um discurso enfatizando Jesus Cristo e o seu poder transformador, bem como na possibilidade do cristão verdadeiro ter experiências com o Espírito Santo e influenciar outras vidas com o seu testemunho, ou seja, seu exemplo. De um modo geral, as frases de Israel Salazar, consoaram

com o que vinha sendo proposto pelos organizadores da Marcha, valorizando os aspectos da espiritualidade da religião.

Seu repertório foi composto por canções já conhecidas dentro do domínio evangélico brasileiro e outras autorais que também "emplacaram" naquela tarde. Muitas dessas canções já conhecidas foram tocadas como releituras musicais da banda em *Rock* ou *Pop Rock*, sendo esse um aspecto que, em minha análise, acabou trazendo os evangélicos para àqueles momentos de música, pois tantos os mais velhos, quantos os mais jovens, aparentemente, sentiam-se tocados pelas músicas, fosse pelo ritmo impresso pelos músicos, fosse pela letras "tradicionais" no campo evangélico brasileiro. Considero, como fator principal desse contexto composto pela releitura de músicas conhecidas, performances profissionais dos artistas e expressão de fé, que o último tenha sido aquele "ganhou" a adesão dos participantes da MPJ, haja visto que esse foi manifesto em todos os momentos da construção do evento. Contudo, seria interessante para uma análise futura, observar como se daria o sucesso do conjunto deles, se apenas um desses três elementos fosse removido do contexto.

Mais próximo do final do *show*, ocorreu um momento de evangelismo nas palavras do cantor: ele dirigiu-se a "pessoas que, talvez, não *conhecessem a Cristo*" e desejariam entregar sua vida a Deus, *aceitando a Jesus*: algumas pessoas aceitaram e o cantor, do palco, falou e orou com essas pessoas, lembrando que "há festa no céu quando um pecador se arrepende". Antes do término do *show*, Israel Salazar fez ainda duas orações, lembrando ao público da necessidade e a importância de orar. Primeiro convidou o público a colocar as autoridades públicas em suas preces, dizendo que "*toda autoridade é estabelecida por Deus: os homens elegem com o seus votos, mas Deus é quem as coloca sobre nós*"; e depois levou as pessoas a orar pelas próprias famílias, onde cada qual direcionou os braços para a localização de sua casa (Fig. 12). Com o desfecho dado pelo canto de mais uma canção, Israel entregou o microfone aos pastores do conselho, que agradeceram e oraram pelos músicos, despedindo-se, no palco, com um abraço. Os pastores, agradeceram e despediram os participantes que, cerca de 18h 45min deixaram o largo Rui Porto.



Figura 12 - apresentação de Israel Salazar: o artista falando com os participantes e depois o público orando.

Fonte: o autor

Além do trabalho realizado pelo ConPas SL desde o jantar de lançamento e as permissões legais que viabilizaram o evento, até a multidão e a sonoridade que alterou o ritmo das ruas centrais da cidade durante 85min, cabe lembrar que o *esforço* para a realização da MPJ não redundou apenas na autoestima evangélica e na visibilidade alcançada, mas estendeu-se ao que os evangélicos chamam *ação social*. Da mesma forma que aconteceu nas edições anteriores, a organização da MPJ efetivou uma parceria com o Banco de Alimentos do Estado do Rio Grande do Sul em São Leopoldo, doando em 2015, 250Kg em produtos não perecíveis. Apesar da quantidade ser proporcionalmente bastante modesta em relação ao número de participantes, tal doação corresponde a um exercício de fé, que deve, segundo preceitos bíblicos, ser comprovada também pelas obras. Esse quesito, talvez, seja aquele que mais vai ao encontro das objeções daqueles não participam da Marcha: a materialidade da Marcha, a relevância social, o chegar ao encontro do necessitados.

3. CAPÍTULO III - A MARCHA PARA JESUS EM PERSPECTIVA: O EVENTO REPERCUTIDO ENTRE DIFERENTES ATORES DA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO

3.1. AS ADESÕES E AS RESERVAS DA COMUNIDADE EVANGÉLICA: “NAS COISAS NECESSÁRIAS, A UNIDADE; NAS DUVIDOSAS, A LIBERDADE; E EM TODAS A CARIDADE.” (SANTO AGOSTINHO)

Considerarei o fato de pertencer à comunidade evangélica da cidade um quesito facilitador para o acesso aos "irmãos de fé", os quais poderiam contribuir com a pesquisa. Contudo, cabe dar relevo ao que já mencionei na introdução deste trabalho: o papel desempenhado pelo pastor Thiago Douglas da Silva, que ao longo de todas as ações oficiais adotadas pelos organizadores da MPJ, fez a minha aproximação dos atores que coordenariam cada etapa do evento. Fosse com o convite para "não deixar de estar" ou com a apresentação pessoal a diversos pastores do ConPas SL e produtores envolvidos na MPJ, ele figurou o que chamo de *padrinho* desta pesquisa, pois inseriu-me no contexto onde precisava estar para realizar as observações e as entrevistas. São, portanto, dois grupos distintos de pessoas da comunidade evangélica que mantive contato para viabilizar a pesquisa: um primeiro que é o de membros das igrejas da cidade, para com os quais apresentei-me diretamente e, um segundo, que representa o planejamento e a viabilização do evento na cidade, composto por líderes das denominações, para com os quais vali-me da mediação do pastor Thiago Douglas.

Nas entrevistas realizadas com membros das igrejas, em 2014 e em 2015, vali-me, em todas as ocasiões, da solicitude de cada entrevistado. Entre esses foram realizadas nove entrevistas em 2014, após o evento daquele ano, e, em 2015, foram onze entrevistados, totalizando vinte entrevistas com membros de doze diferentes denominações evangélicas. À exceção de dois encontros, todos os demais foram realizadas na residência dos entrevistados em datas previamente combinadas. Muitos fatores influenciaram a realização das visitas para a entrevista: o clima e os compromissos dos entrevistados, por exemplo, pesou mais que a agenda do pesquisador. Nesses casos, as entrevistas foram permeadas ou intercaladas por situações domiciliares, tais como receber outras visitas, atender telefonemas, ouvir a "Voz do Brasil", preparar refeição para os filhos, etc. Já em outras situações, onde havia maior independência no contexto da pessoa entrevistada, produzia-se um ambiente mais "hermético" para priorizar a entrevista - havendo, em alguns ensejos, uma oração precedente à entrevista e

outra após o término. O ambiente da própria casa contribuiu, a meu ver, para que os entrevistados pudessem falar com naturalidade acerca das perguntas que lhes eram feitas.



Figura 13 - Ida ao campo: encontros com o pastor Jair Silva e Vagner e Aline Nascimento da Igreja Ministério Cristão Renovo

Fonte: o autor

3.1.1. Os organizadores e o seu viés

A MPJ propiciou, em 2015, perceber as aproximações entre os diferentes organizadores que conduziram o evento nos cinco anos em São Leopoldo. Realizei dois encontros com os proprietários da empresa de eventos Ministério Marcha para Jesus, encarregada da realização da Marcha nas primeiras quatro edições. No decorrer das entrevistas e na narrativa de suas trajetórias, ficou destacado nas palavras da pastora Rose Guiné a necessidade de não compreender a MPJ como um evento, mas como um *movimento*: "um movimento de unidade das igrejas e do povo de Deus e também um movimento de evangelismo". Para confirmar essa primeira assertiva, ela acrescentou, ainda, possuir um histórico de algumas pessoas que foram "ganhadas para Jesus" através evento, principalmente ao verem, na MPJ, uma imagem descontraída do "povo cristão". O casal enfatizou ainda,

como característica de seu trabalho, as intensas atividades de mobilização prévia (pessoas, igrejas, equipamentos, licenças, recursos) para comporem a Marcha, o que redundou anualmente no grande número de participantes, envolvendo denominações evangélicas de diversos localidades, inclusive do interior do estado.

A trajetória do casal, principalmente no que se refere às suas experiências na MPJ de São Paulo - onde trabalharam como voluntários junto a Igreja Renascer em Cristo, lhes credenciou para a implementação do evento (ou movimento) em de São Leopoldo. Somado a isso, talvez o perfil agregador e a capacidade de diálogo com diversos setores da sociedade seja a característica mais evidente do casal. As maiores multidões da MPJ em São Leopoldo, quando foram registradas 10, 12, ou 30.000 pessoas na rua Independência, se deram a partir da atividade de divulgação e mobilização desenvolvida pela sua empresa. Cabe considerar que o capital cultural e simbólico construído pela MPJ desde 1993 no Brasil, repercutido na esfera pública, ou na comunidade evangélica brasileira, corroborou para a sua viabilização entre os evangélicos em São Leopoldo. Entretanto, a proporção do resultado deve-se atrelar à legitimação do evento pelo ConPas SL e ao papel exercido pelos pastores Brow e Rose Guiné junto à diversas denominações evangélicas e junto a empresários e órgãos públicos envolvidos. Sim, um outro ponto a ser observado é que na qualidade de empresa, essa tarefa de alcance e mobilização de igrejas é remunerada. Então os esforços são justificados através de dois vieses: o *religioso*, de cunho espiritual, entendendo que esse é um pressuposto do evento, e o *profissional econômico*, que remunera a Pessoa Jurídica figurada pela empresa que ambos dirigem.

Já, a MPJ de 2015, foi assumida pelo ConPas SL, cujos pastores desempenharam os papéis necessários à viabilização da MPJ, sem a contratação uma equipe organizadora, a fim de reduzir custos do evento. Não foi realizada uma etnografia que privilegiou um olhar sobre as ações do ConPas SL no âmbito das denominações locais, mas sim, encontros onde ocorreu a aplicação de um questionário com perguntas abertas. Das quatro entrevistas realizadas com integrantes do conselho, à exceção de uma fala, a ideia de mobilização por um grande público não estava presente, ainda que o público seja o capital mais representativo de uma Marcha. É possível que um trabalho etnográfico no interior dos templos pudesse trazer uma constatação empírica diferente; contudo, as falas dos pastores sugerem que a Marcha proporcione um ambiente idealizado para a "comunidade evangélica", onde repercute a imagem de unidade entre evangélicos e expresse alegria e felicidade que a espiritualidade da religião oferece. Abaixo seguem algumas falas registradas:

"o pessoal confunde [...] o que eu vejo com a Marcha é uma oportunidade das igrejas estarem juntas, estarem caminhando juntas, estarem mostrando sua força ou a sua unidade dentro de uma cidade, porque ali não tem placa, não tem denominação, são igrejas que se reúnem e andam juntas para marcar aquele dia [...] uma atitude profética para abençoar a cidade..."

"... então também a expectativa é essa de ver essa mobilização da igreja, junta, o pessoal se empenhando [...] a outra é uma expectativa de quando a gente caminha na cidade, de uma forma profética, nós estamos estabelecendo algo no mundo espiritual, né?. Nós cremos nisso. Não é apenas uma caminhada, mas é algo profético, estabelecendo o rei dos reis ..."

"Não é algo real (natural), mas espiritual. Declarar que São Leopoldo é do Senhor Jesus. [...] Quando a igreja se une, as trevas caem - criminalidade, a prostituição - [...] eu acredito que esse é um motivo comum de todos nós: a unidade de pastores para ganhar a cidade para o Senhor Jesus."

"A minha expectativa, em relação ao mundo espiritual... eu creio que no mundo espiritual vai haver algo tremendo, [...] A gente está nessa organização, tá junto, não porque é algo natural [...] crendo que quando a unidade acontece, os anjos se mobilizam, a igreja se mobiliza em oração... [...] visão de reino e não de placa... e nisso declarar em uma atitude, um ato profético, que São Leopoldo é do Rei Jesus e não São Leopoldo é de bares e boates, de sexo, de drogas"

"O Santo Agostinho, teólogo, eu gosto muito do pensamento dele que diz: nas coisas necessárias, unidade (o cerne, o foco, é Jesus, é a salvação, para todos nós); nas coisas duvidosas, liberdade; em todas a caridade - o amor"

"o que eu espero de uma MPJ, que os membros na nossa igreja (denominações em São Leopoldo) possam entender que eles tem uma série de opções [...] os pastores devem entender que nosso pastor é Jesus e que nós estamos aqui como líderes, mas a igreja tem que ser unida nesse sentido. Em primeiro lugar, eu espero unidade da Igreja... um segundo ponto [...] é levar as pessoas não cristãs a ver que nós, cristãos, somos pessoas que temos algo a oferecer [...] tu vê muito entre os evangélicos... muitas famílias restauradas, dependentes químicos, prostitutas abandonando (a prostituição)..."

Além do explicitado nas falas supramencionadas, um dos pastores do ConPas SL expressou uma questão diferenciou as modalidades de atuação da empresa Ministério Marcha para Jesus e o ConPas SL: a limitação e disponibilidade de tempo para dedicar à divulgação

da MPJ nas congregações da cidade. O pastor expressou a sua opinião em data anterior a realização do evento, indicando que, de alguma forma, antevia os efeitos dessa limitação no número de participantes de evento de 2015. Mencionou ele que, enquanto cada pastor da diretoria do conselho deve cumprir diversas responsabilidades no âmbito de suas denominações, o pastores Edson e Rose, que não eram os titulares de sua denominação - eram contratados para "produzir" o evento, dispondo assim de maior tempo e liberdade para dedicar-se MPJ. O mesmo entrevistado disse que pensou e sugeriria ao ConPas SL, para que no ano seguinte, se verificasse em meio às igrejas um pastor, ou uma outra pessoa, que trabalhasse especificamente desenvolvendo a divulgação do evento, coisa que na opinião dele, em 2015 não aconteceu.

Duas configurações, com similaridades e distinções entre si, dadas a partir da voz de seus organizadores, deram o discurso e o caráter às edições da MPJ São Leopoldo. Em ambos os casos, os organizadores colocaram em primeiro plano o aspecto unidade entre evangélicos, seja considerando a MPJ como uma realidade dessa unidade, ou como necessidade entre as igrejas. O outro ponto comum entre as "administrações da Marcha" foi a perspectiva de que parte da comunidade evangélica, ou mesmo do público das ruas não compreendem o que é a MPJ em essência. Enquanto a empresa Ministério Marcha para Jesus chamou a atenção ao fato de que o evento não se resume à passagem pelas ruas e tem desdobramentos sociais mais amplos, dentro e fora da comunidade evangélica, antes e após a Marcha, o ConPas SL muito enfatizou o caráter espiritual da Marcha e a importância dessa compreensão por parte das igrejas. A partir desses dois arranjos, é possível inferir que a unidade entre evangélicos (em suas variações), uma consciência comum, é primordial no discurso dos organizadores e a consequência dessa unidade, ocupa posições diferentes a partir da lógica assumida por cada um deles, no espiritual e no social.

3.1.2. Os evangélicos da Marcha e os olhares de dentro

A uso de um roteiro com perguntas semi-estruturadas foi bastante eficaz para que cada entrevistado pudesse expressar sua opinião. Algumas perguntas produziram respostas mais desenvolvidas e significativas e termos de conteúdo e justificativas, por exemplo: " que motivação te leva a sair de casa até as ruas, vestir a camiseta da MPJ, e marchar no centro da cidade?", "por que motivo você acha importante para o "crente" evangélico participar da

MPJ?", "o que você removeria ou acrescentaria na MPJ, se fosse você quem a organizasse (ou pudesse influenciar)?", etc. De um modo geral, superando expectativas iniciais, verifiquei que essas pessoas, vistas inicialmente como coadjuvantes e apenas participantes do evento tem mais a dizer do que se imagina inicialmente - muitos, inclusive, causaram a impressão de estar aguardando a oportunidade de falar sobre o assunto. Apesar dos diferentes papéis desempenhado pelos organizadores e pelos participantes entrevistados, existe um elemento que os aproxima: a clareza daquilo que esperam de uma MPJ; e, expressado nessa clareza, algo que os distingue: a interpretação do papel da MPJ nas ruas, ou seja, como devem ser as ações ou atitudes que movem a Marcha.

De forma ampla, os resultados das entrevistas demonstram compreensões que destoam dos discursos que promovem a MPJ. Muitos participantes entrevistados, com base em suas experiências anteriores, esperam uma "outra" MPJ, propondo diferentes formas de abordagem pelos organizadores e uma postura diferente da parte daqueles que desfilam nas ruas. O termos "oração" e "adoração" foram levantados muitas vezes pelos entrevistados, considerando que devem ocorrer durante a passagem pelas ruas. Muitos observaram que esses foram pontos negligenciados quando se tinha a pretensão de impactar a cidade espiritualmente - quesito muito abordado pelos organizadores da MPJ 2015, por exemplo. Os fiéis apontam que poderia haver uma harmonização " maior da sonoridade dos trios elétricos entre si, e estes com a multidão, havendo pastores ou músicos que dirigissem o público na oração, na adoração, na "atitude profética".

Concernente ao supracitado, em 2014 uma pessoa entrevistada, referindo-se à Marcha, disse o que, em sua opinião, deveria haver "...a mesma sintonia, a mesma linguagem, do primeiro carro ao último para que todos estejam no mesmo espírito, como o fluir de um rio...". Ainda, outras ações, de mesmo caráter - espiritual - foram sugeridas: "seria bom ter um lugar para aconselhamento das pessoas, dentro da marcha mesmo, sem definir nome de igrejas - cativa bastante a Marcha por não destacar placa de igreja".

A MPJ foi também lembrada nas entrevistas sob um outro viés, autocrítico, denotando que apesar de o evento ser uma grande manifestação da igreja evangélica, de muita visibilidade, é ao mesmo tempo, uma grande reunião de evangélicos acompanhada de dispersão, demonstrando a coexistência de proximidade e distanciamento entre as pessoas e a Marcha. Respondendo sobre o que acrescentaria à MPJ um entrevistado disse que "reuniria os pastores para unir mais as igrejas, porque estão muito dispersas...pessoas no *oba oba* desfocados da Marcha". Considerando ainda o aspecto de coordenação do evento, um casal

disse que "a caminhada com som, louvor, é legal. Atinge vidas, mas não o que a igreja objetiva. Acaba sendo um evento para crente... As pessoas verão que é um movimento grande, forte, bonito, mas não se sabe o que as pessoas que veem, entendem". Referindo-se genericamente à multidão na MPJ disseram que "passamos ali na rua, pulando, cantando, sem dar bola para quem está na rua... É como se fosse uma festa. Um evento, ainda, muito distante da sociedade". Face ao exposto, os entrevistados, acreditam que deveria haver um trabalho maior, mais incisivo por parte dos pastores e líderes locais nesse quesito, não vigiando ou controlando, mas incentivando, chamando os evangélicos para orar e adorar durante a caminhada, ou mesmo interagir diretamente com o público que observa a Marcha.

Houve, entretanto, um contraponto nesse mesmo quesito: um casal de entrevistados possui um olhar positivo em relação à passagem nas ruas. Afirmam que: "...as pessoas, os drogados que a gente evangeliza - referindo-se a uma atividade específica de sua denominação - lembram da MPJ e perguntam se a gente estava lá". Pode-se verificar com base nesses depoimentos que dentro do mesmo grupo de entrevistados há diferentes perspectivas sobre forma como a MPJ afeta as pessoas nas ruas. O primeiro caso aponta que o evento é aproveitado pelos evangélicos, mas lança dúvidas quanto a efetividade de sua penetração entre os "não crentes"; já, o último exemplo menciona que, na prática, a MPJ é lembrada por diversos evangelizados de forma positiva, onde a fala sugere que as especulações que acompanham uma polêmica podem ser ratificadas ou esvaziadas no momento em que existe interação com os sujeitos envolvidos.

Um terceiro ponto destacado foi a perspectiva de que a MPJ poderia ser um evento de maior abrangência pelo potencial humano que possui. Ouvi dos entrevistados que se o evento objetivasse o evangelismo ou a demonstração prática do amor de Deus, seria inócuo nesse sentido. Alguns entrevistados consideraram que o grande número de fiéis e a mobilização necessária para tê-los na Marcha é um dispêndio bastante grande para que a interação desses com a sociedade se reduza a "alguns minutos de passagem pela rua Independência". Veio desses entrevistados a ideia de que a MPJ abarcasse uma mobilização de evangelismo e ação social durante o ano todo, propondo que "...deveria haver uma programação anual", tomando pro referência a constatação que "a igreja sai uma vez por ano para a Marcha. O carnaval, mesmo com a crítica da igreja, caminha e se integra com a sociedade o ano todo". Essas falas, portanto, sugerem uma prática que transcenda a visibilidade que é imanente ao evento, um tópico que demonstra a existência de uma outra linguagem que não a proferida nos atos proféticos.

Dentro desse mesmo grupo de pessoas (os participantes), que expectam e objetivam a adoção de uma abordagem diferente da parte dos organizadores, está também a perspectiva que é comum, que coaduna com a pretensão inicial dos organizadores da Marcha. Praticamente todos os entrevistados citaram diretamente que a MPJ é um momento de presença e visibilidade da igreja evangélica para si própria, para a cidade e para o mundo espiritual. Para justificar o primeiro aspecto, ouvi de muitos "irmãos" a afirmação de que ali é um momento de encontro, de comunhão, de conhecerem outras pessoas que professam a mesma fé e de, juntos, abençoar a cidade. No que tange ao segundo aspecto: falou-se muito na oportunidade de que as pessoas vissem os evangélicos com "outros olhos": que pudessem saber que ser cristão é também ser alegre, ser feliz sem uma imagem estigmatizada acerca deles, ou mesmo a desmistificação dessa mesma imagem, como sugeriu um pastor. O terceiro ponto remete à atitude profética a partir das ações que a comunidade evangélica adota quando reunida nas ruas: orações, clamores, louvores e a adoração, estabelecendo a soberania de Deus e desfazendo as amarras espirituais do "maligno" sobre São Leopoldo. A unidade portanto é um quesito reconhecido e requerido por todos os participantes, e, ainda que valorizada a partir de concepções diferentes, vai de encontro ao planejado pelos organizadores.

3.1.3. Alguns evangélicos que não marcham e as suas perspectivas

A proximidade sociológica com a comunidade evangélica permitiu-me, com privilégio, ser recebido e atendido por membros de diferentes igrejas. Esse contexto foi facilitador para conhecer alguns irmão de fé que, por opção, lançaram mão de participar da MPJ. Realizei entrevista com quatro¹⁷ pessoas onde as perguntas principais eram "que significado tu atribuis ao título MPJ em São Leopoldo?"; "na tua percepção para que grupo de pessoas tu julgas que a MPJ é mais proveitosa?" e "De que forma, diferente, acharias mais apropriada a realização de um evento com esse nome?". De um modo geral, houve receptividade para a pesquisa, e os entrevistados expressaram suas opiniões sobre o evento com clareza e desprendimento. Nos quatro casos, as respostas que transmitem uma noção de desvirtuamento, tanto no discurso, como na efetividade do evento, além do entendimento de

¹⁷ Dentre esses entrevistados há dois que recentemente foram membros de uma igreja bastante atuante na MPJ; outro entrevistado pertence a uma denominação que se envolve significativamente na MPJ e uma quarta pessoa, que na igreja a qual pertence, praticamente, ninguém se envolve com o evento.

que a mobilização de pessoas está mais ligada ao uso da "massa", do que a uma expressão verdadeira da fé cristã. As assertivas abaixo elucidam essa percepção:

"É uma divulgação do meio evangélico [...] porque o propósito inicial não é atingido, no meu ponto de vista"

"Era para ser uma divulgação do próprio evangelho de Jesus, mas só que hoje é mais voltada para o entretenimento [...]. A verba pra montar toda aquela estrutura e trazer [...] um artista gospel famoso, geralmente esse dinheiro é tirado dos cofres públicos, isso é uma coisa que eu já não concordo. [...] As pessoas que estão ali estão mais como modinha..."

"Faria uma ação solidária. Vai entregar uma cesta básica, (prestar) um atendimento [...] qualquer coisa que você fizer, na conversa que você tiver com a pessoa, você pode depois transmitir o evangelho...[...] seria bem mais interessante que ficar marchando [...] e terminar com um show [...] Poderia marchar e terminar lá no galpão solidário, onde estão os voluntários..."

"...pô, a MPJ vem para mudar vida das pessoas... seria mais ou menos que nem o natal, as pessoas ficam lá o ano todo esperando [...] pra ter aquele sentimento solidário. Quando acontecesse a MPJ as pessoas aconteceria o mesmo sentimento, só que com o objetivo de apresentar a salvação, de levar as pessoas a Cristo..."

" a MPJ como é hoje, é simplesmente um reflexo da superficialidade que o cristianismo vive hoje no Brasil... [...] apresenta-se um evangelho sem renúncia, que não considera mais obedecer a vontade de um Deus soberano, que manda amar o próximo, perdoar, se arrepender dos nossos pecados e se converter dos seus maus caminhos..."

"A Marcha, na minha opinião, nada mais é que o reflexo que uma igreja fraca, que uma igreja sem alicerce reflete. A Marcha nada mais é que o movimento do poder de massa da igreja"

"Na minha opinião esse evento teria que ter uma influência espiritual, e ele hoje não tem. Se o evento é um movimento em massa, teria que ter uma conversão em massa, um alcance em massa, e ele é superficial"

"Ela gera um interesse muito maior... econômico, político e social, do que cultural, espiritual e teórico para o conhecimento bíblico."

"Foi nesse ponto em que eu não me enquadrei na Marcha [...] Eu sou simpatizante da MPJ [...] eu não digo para igreja não fazer, eu não digo para meu pastor que ele não deve

fazer [...] qual a repercussão social, espiritual e cultural da Marcha? [...] se há investimento do poder econômico, deve haver retorno".

"É mais proveitosa para aqueles que pensam neste evento como diversão, enfrentamento da sociedade e muito pouco para evangelização."

Foi dentro deste grupo de pessoas que encontrei, talvez, as leituras mais divergentes - e contestadoras - sobre a MPJ, o que é um pressuposto admissível, se levarmos em conta que a comunidade evangélica o Brasil não deve ser vista como um bloco homogêneo, mas sim como uma configuração gerada por diferentes construções e apropriações teológicas. Mallimaci é citado por Ludueña (2009, p. 121) quando este afirma que "pensar a la iglesia es pensar el conflicto al interior de un consenso". No mesmo artigo Ludueña cita uma apreciação de Foucault sobre a ação vinculadora e "distintiva" da doutrina no discurso religioso. Ele afirma que "la doutrina vincula a los individuos a ciertos tipos de enunciación y como consecuencia les prohíbe cualquier otro", pero, también, " se sirve [...] deciertos tipos de enunciación para vincular a los individuos entre ellos, y diferenciarlos por ello mismos de los otros restantes"

A meu ver, essa também é uma leitura apropriada para "pensar" a MPJ em São Leopoldo, ficando empiricamente demonstrado pelos depoimentos contidos nesse grupo de entrevistados. Eles não assumem a MPJ como um movimento espiritual ou ato profético, nem consideram que ela, no formato atual, demonstra em si atributos que a religião deveria expressar, problematizando questões o "poder de massa", o entretenimento, a ideia de evangelismo, e o reflexo social do evento. Percebe-se que os alguns pressupostos do evento que estavam presentes nos discursos ao longo da trajetória e construção da MPJ em São Leopoldo, não foram citados ali, como "unidade e comunhão entre as igrejas" e "exaltação de Jesus Cristo". Os entrevistados, entretanto, objetivaram a MPJ a partir de uma configuração diferente, defendendo tanto pressupostos sociológicos, como teológicos que se diferenciam dos assumidos pelos evangélicos que participaram da MPJ.

3.1.4. O público 'nas ruas' de São Leopoldo e as impressões acerca do evento

Se entre os evangélicos, tive alguma facilidade para chegar aos "irmãos de fé", fosse por ser correligionário, ou fosse por ser "apadrinhado", não tive, inicialmente a mesma facilidade na rua Independência. Foi contrastante o tipo de receptividade que me foi

dispensada nas ruas e nas lojas em duas situações: a primeira quando fiz diretamente minha apresentação pessoal e da pesquisa; a segunda, quando usei a carta de apresentação elaborada pelo orientador da pesquisa. No primeiro caso aconteceu de precisar esperar até 30min para ser atendido pela gerente da loja¹⁸, que autorizaria a entrevista com um funcionário; ou em outros casos, havia a "um ar" de desinteresse enquanto eu falava. Fui, ainda, perguntado pelo entrevistado sobre o que eu achava da MPJ enquanto evento, algo que me surpreendeu, mas pude responder sem problemas. Já, na outra situação, houve antes de tudo, um cuidado para ler a carta de apresentação e depois, para garantir que a pesquisa pudesse alcançar seu objetivo no que dependesse do lojista; ou mesmo nas ruas, quando o Sr. Jaci da Silva, entrevistado, presenteou-me com um suco de frutas e fez questão que eu não pagasse pelo presente. São, pois, duas configurações inerentes ao campo empírico: a indiferença e a desconfiança por ser desconhecido e o acolhimento e conforto que derivam do reconhecimento. Como demonstrado com os evangélicos, ou entre as pessoas da Rua Independência, constatei que sim, o pesquisador precisa possuir formas de legitimação entre os pesquisados, seja pelo pertencimento comum com eles, seja através de alguém ou um instrumento de aproximação.

De maneira geral, ocorreu a participação da maioria das pessoas convidadas para a pesquisa, com algumas exceções, cada qual com seu motivo. Dois donos de banca de camelô disseram que seria inviável porque eles precisariam atender clientes e isso atrapalharia a entrevista, e vice-versa. Dois lojistas indicaram funcionários evangélicos para falar sobre a MPJ e outros dois lojistas recusaram sua participação por não concordarem com o evento. Em todas as demais situações, as entrevistas aconteceram normalmente, fossem elas em horário combinado ou no próprio ato de minha abordagem, havendo maior liberdade do entrevistado que atua em ambiente aberto em relação aqueles que trabalham em lojas, demonstrando que os uniformes, de alguma forma, docilizam os corpos que por eles são cobertos. Pude ouvir desde colaboradores de lojas de que ali trabalhavam há menos de três anos, até um proprietário ali estabelecido há mais de 46 anos na rua Independência. Foram realizadas 11 entrevistas em ambientes e estabelecimentos distintos na rua principal, em datas anteriores e posteriores a MPJ 2015.

¹⁸ nesse período três colaboradores da loja se dirigiram a ela para lembrar-lhe que eu a aguardava



Figura 14 - Ida ao campo: foto com os entrevistados Jaci da Silva e Sílvia Holtz na Rua Independência

Fonte : o autor

Esse conjunto de pessoas respondeu questões como "em que se compara e em que se diferencia, na tua opinião a MPJ em relação aos outros eventos que ocorrem na Rua Independência?", "o que permanece mais vivo na memória em relação à MPJ?"; "na sua opinião, qual o principal motivo que leva as pessoas a saírem de casa e participar da Marcha?". Apesar de alguns ténues "desvios" - que possuem seu significado e importância, as respostas, em sua maioria, foram bastante homogêneas, com justificativas semelhantes entre si, permitindo inferir que tais entrevistados percebem três elementos que se relevam na MPJ: um primeiro que se refere à intensidade na demonstração de fé e convicção ideológica que ela transmite, onde as pessoas são notadas pelo seu engajamento e entusiasmo; um segundo que remete às músicas cantadas, como uma marca principal da Marcha; e um terceiro, que aponta para a mensagem de amparo e esperança que o evento transmite às pessoas. Algumas frases confirmam essa colocação:

"Olha... acho que é muita religiosidade, muita fé. O engajamento deles é grande"¹⁹

"... o primeiro ano [...] foi a grande multidão que teve em São Leopoldo. O evento já estava fazendo a volta nas outras ruas e aqui não tinha acabado ainda. Foi algo que impactou São Leopoldo"²⁰

"A impressão é que esse pessoal que participa dessa Marcha é um pessoal que ele tá mais focado, é um pessoal que tá mais participativo em relação aos outros..."²¹

"Gosto de ouvir, escutar, louvores"²²

"Os louvores e, na verdade, o nome da MPJ já é conhecido. Então as pessoas já sabem o que é, quando acontece... os louvores é o que mais toca nas pessoas."²³

" chama muita atenção no dia. Toca demais a gente a MPJ. Não só eu, todos os lojistas batem palma."²⁴

"... o que influencia (a participação na MPJ) é as pessoas a tentarem achar uma saída... [...] As pessoas buscam isso porque uma apoia a outra."²⁵

"É um evento que tu dá uma lição, né... Porque tu participando, tu conversando com a pessoa, a pessoa vai se sentir melhor [...] Então ele junto contigo, ele vai se sentir até melhor..."²⁶

"mostrar, nesse ponto que a religião (serve) para ter fé na humanidade, no povo."²⁷

"que é a presença do Espírito Santo, com certeza"²⁸

¹⁹ Sílvia Holtz, florista

²⁰ Carlos Roberto Jardim, vendedor de churros

²¹ Cândido Forneck, Tabacaria Central

²² Solange Morales, Ferragem Feldmann

²³ Mariana Jenisch, Lojas Colombo

²⁴ Jaci da Silva, vendedor de sucos

²⁵ Bruna Brito, Ótica Passini

²⁶ Olinto Variza, Loja Dia a Dia

²⁷ Marcos de Souza, taxista

²⁸ Débora Soares, Loja Desejos

"...a MPJ, independente de ser espírita, católica, ou a outra, a MPJ é uma: Jesus é só um"²²

As opiniões que fugiram esse grupo de respostas põe em relevo distintas representações sociais da MPJ, tais como: "...por que não ajudar as pessoas com bem materiais [...] que é muito mais efetivo que a palavra para ganhar pessoas"; "pregação bonita... salvo raríssimas exceções, são ações arrecadatórias"; outra pessoa lembrando o que fica mais vivo na memória disse "que é a presença do Espírito Santo, com certeza"; uma terceira pessoa disse que não participaria porque acha a bíblia muito machista e que a Marcha das Vadias, por exemplo, é mais relevante para a sociedade; ainda um outro entrevistado nas ruas declarou que "...a MPJ, independente de ser espírita, católica, ou a outra, a MPJ é uma: Jesus é só um". Fixando-me nesses exemplos e desviando-me homogeneidade das demais respostas, verifiquei que a MPJ produz diversas representações sociais, distintas entre si, a partir da visão de mundo que os entrevistados possuem e do conhecimento/desconhecimento das idealizações e ações da MPJ. Vimos nesses exemplos um apelo mais materialista, outro que é cunhado na experiência religiosa, um terceiro que trata a MPJ com distanciamento e um quarto dá a ela um caráter ecumênico. Independente de como a Marcha é acontece e de como ela é instrumentalizada pelos organizadores, podemos notar que, a partir da memória coletiva, ela adquire diversas faces conforme os elementos presentes em cada senso comum, sejam eles materiais, subjetivos, arreligiosos ou totalizantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pude verificar ao longo desta etnografia que, como sugeriu Gilberto Velho, o encontro com situações próximas, ou mais ou menos conhecidas (Velho, 2003, p.12) é característica da Antropologia contemporânea, de contextos urbanos, pois, como foi demonstrado em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, a proximidade física não é imediatamente correspondente a uma identidade social ou cultural. O caso da MPJ em São Leopoldo proporcionou a possibilidade desse exercício, da etnografia na proximidade, de observar o meu objeto de pesquisa, a Marcha, se consolidando e repercutindo entre pessoas da minha mesma confissão religiosa. E este exercício teve um alcance peculiar, pois colocou em suspensão e relativizou consensos moldados nos sentidos comuns evangélicos e não religiosos. As entrevistas apontaram que muitas das opiniões dos pesquisados não tinham um correspondente empírico que as justificassem de forma absoluta. Pode-se exemplificar tais contradições quando cotejamos as declarações daqueles que consideravam os participantes alienados dentro do evento, com a postura consciente e crítica de vários evangélicos em relação às suas inserções e performances na MPJ; ou mesmo, comparando o fato da Marcha acontecer acompanhada pelo discurso da "atitude profética" nas ruas, com a crítica dos participantes que sentem falta dessa atitude. Vemos assim a etnografia em ambiente próximo, portanto, é capaz de identificar e relativizar, inclusive, *subgrupos* dentro dos grupos, onde operam olhares mais particulares sobre um contexto.

Procurei, ao longo deste trabalho, a conhecer o processo de construção de visibilidade da MPJ em São Leopoldo no espaço público da cidade, passando pelas ações de legitimação e repercussão dentro da comunidade evangélica até aquelas que redundam na esfera pública. Giumbelli (2014, p. 194) lembra que a legitimação dos evangélicos no espaço público não se dá à semelhança do catolicismo, com o apelo à história e à tradição, mas a "sua visão está orientada para o futuro" com ações que no presente repercutem como "busca pela visibilidade". A MPJ no contexto de São Leopoldo aparece não apenas como um desfile de memórias, mas como um ação social sustentada pelo viés espiritual presente no discurso e nas expectativas de organizadores e participantes, e propondo, a partir do evento, repercussões que modificam, para o bem, a realidade social. A concepção de "cultura pública" (Giumbelli, 2014, p. 194) é correspondente à forma como o evento se inscreve e se afirma no cenário público de São Leopoldo, seja através do uso das ruas como forma de apropriação de espaços da cidade, bem como pela ostentação de títulos como "O maior evento interdenominacional

do Estado do Rio Grande do Sul", assemelhando-se ao que acontece na Marcha para Jesus de São Paulo-SP, onde, em seu *website* consta a frase "O maior evento Cristão do Mundo" (Fig. 15). Essas são frases que dão relevância ao acontecimento no meio evangélico e fora do domínio religioso, cumprindo o papel de um "cartão de visita", que reuniu méritos para atingir esse status.



Figura 15 - Marcha para Jesus em São Paulo: O maior evento cristão do mundo

Fonte: <http://www.marchaparajesus.com.br/>

A presença do religioso na sociedade, afirma Giumbelli (2008, pag 81), está sempre relacionada com dispositivos estatais, apesar ou por causa da laicidade. Esses dispositivos possuem caráter formalmente democrático e as organizações evangélicas, quando juridicamente regulares, têm acesso às benesses conferidas por essas leis. A existência de dispositivos jurídicos que ampararam a MPJ em São Leopoldo é um outro aspecto que merece consideração, pois a inscrição no PRONAC, possibilitado pela Lei Federal 12.590/2012, que reconhece a música gospel e eventos a ela relacionados como *manifestação cultural*⁴ e a Lei Municipal 7.590/2013, que declarou a MPJ capaz de promover o bom nome do município formou um lastro que comporta legalidade, reconhecimento oficial e a possibilidade de angariar aporte financeiro, onde o evento se firma e a partir do qual se projeta na esfera municipal. Além desses dispositivos jurídicos, contribuíram para o capital simbólico do evento, a presença do Governador do Estado, as palavras de apoio Prefeito em exercício, o convite de um Deputado Estadual evangélico (domiciliado em outro município) para o jantar de lançamento, etc. As entrevistas demonstraram que fora e dentro da comunidade evangélica

existem interpretações que questionam a relevância social ou a utilização de recursos públicos para a realização da MPJ; contudo deve-se observar, neste caso, o caminho construído pelos organizadores para o alcance desse status de relevância, inclusive entre autoridades públicas.

Um fato relevante por mim observado ainda durante as abordagens iniciais foi a e prevalência do tema "religião" e seu peso sobre o imaginário de alguns gerentes ou proprietários de loja. Em dois casos, ao saber que a área da pesquisa era "Religião e Espaço Público" e que se tratava da MPJ da cidade, as gerentes indicaram funcionárias evangélicas para as entrevistas²⁹. Em outros dois casos houve recusa da entrevista por saber que se tratava da MPJ. A funcionária de uma ótica, antes de responder, questionou meu pertencimento religioso e a possibilidade da pesquisa ser tendenciosa. Após afirmar minha confissão evangélica, ela se recusou a participar da pesquisa, dizendo que é contra a MPJ, que tem críticas e que se elas fossem expressas na pesquisa, de alguma forma elas contribuiriam com o segmento evangélico, coisa que ela não desejava. A proprietária de um outro estabelecimento comercial, também negou a participação na entrevista, manifestando que tem reservas em relação à Marcha e acreditava que "isso" não serviria para este trabalho e que eu não concordaria. Verifiquei, pois, que a temática religião exerce grande influência no imaginário de tais pessoas, mesmo as não religiosas, de modo a regular suas escolhas e atitudes, mesmo com recurso do anonimato que lhes daria liberdade para o uso das palavras.

Foi possível verificar entre os evangélicos expectativas particulares acerca da MPJ, orientadas por concepções teológicas específicas e distintas entre si. Exemplificam isso os casos onde alguns evangélicos que não participam da MPJ enxergam nela um encontro de entretenimento para os evangélicos que vão às ruas, enquanto outros evangélicos, participantes da MPJ, declaram entender que a Marcha é um importante momento para a unidade, a oração, e adoração a Cristo, além de perceberem a necessidade de contornar a dispersividade junto à multidão. Há, nos dois casos, o entendimento de que por esse motivo (dispersividade) a proposta de uma MPJ não se cumpre, sendo que os primeiros não simpatizam com tal contexto e abrem mão do envolver-se com o evento, enquanto os segundos participam com voluntariedade, mas ressentem-se pelo sentimento de isolamento que lhes envolve por não perceberem nos demais seu mesmo entendimento acerca das coisas

²⁹ Por um momento imaginei que o direcionamento de entrevistados pelas gerentes das lojas atrapalharia o resultado deste trabalho; contudo, posteriormente, levei em conta que, segundo o CENSO demográfico do IBGE de 2010, 22% da população brasileira é de evangélicos e seria natural encontrar um evangélico a cada cinco entrevistados.

espirituais. Estar, pois, dentro da MPJ não significa pensar igual, e estar fora, como as entrevistas demonstraram, não é pensar contra.

Há, todavia, um contraponto que merece consideração: os entrevistados "das ruas" confirmando a expectativa dos organizadores. Um dos resultados esperados das Marchas era que, nas ruas, as pessoas fossem tocadas pela alegria dos participantes, e pelas músicas (os louvores). Tais elementos não são visto pelos pastores como um modo de atrair e entreter os participantes, mas tem a qualidade de uma forma de expressão utilizada para a adoração a Deus e para positivar a sua visibilidade no espaço público. E, de fato, nas entrevistas ocorreu o reconhecimento do engajamento das pessoas, da sua alegria e do seu entusiasmo, além dos "louvores que tocam". Esse certamente é um aspecto proposto pela MPJ que gera o resultado esperado, relativizando as críticas quanto a efetividade da proposta da Marcha. O que fica como um problema residual desse caso, merecedor de novos estudos, é que na conquista desse resultado esperado, muitos evangélicos participantes ou não, julgam que essa não deveria ser a abordagem utilizada para alcançar pessoas, ou, ao menos, os resultados da MPJ não deveriam ser apreciados somente com essa perspectiva. Ou seja, quem idealiza a MPJ e parte significativa daqueles que a apreciam estão em consonância; contudo, as entrevistas demonstram que parte daqueles que mediam essa relação, compondo o evento, não assumem esse mesmo viés para o evento, indicando que, apesar do resultado exitoso, há descontinuidades no construção da MPJ.

O aspecto financeiro é, talvez, o que mais repercute em qualquer domínio social, pois faz parte da economia humana, da organização social, estando presente e proeminente no cotidiano dos cidadãos de sociedades capitalistas. A campo evangélico, sobretudo no Brasil, é colocado sob suspensão quando se aborda o tema dinheiro, principalmente quando o assunto é a prática do dízimo. Nesta pesquisa, o tema dinheiro, finanças, recursos só não apareceu nas entrevistas dos participantes. A assunção da MPJ em 2015 estava ligada à redução de custos para o evento; um taxista entrevistado entende que, com raras exceções, até os movimentos religiosos são ações arrecadatórias; e, um evangélico que não participa, entende que recursos públicos não deveriam ser utilizados para eventos que representam a fé. Apesar de nenhum deles aprofundar a questão (a exceção do último), cabe-me pontuar que esse não foi uma questão central na ótica dos entrevistados, mas a amostragem demonstra que existem reflexões, concepções e, inclusive, ações na MPJ motivadas pelo aspecto financeiro, seja como remuneração por prestação de serviços, seja como avaliação e redução de custos.

Este trabalho evidenciou que a MPJ, na qualidade de evento, se legitima e opera sob duas lógicas distintas: a primeira, que aciona argumentos religiosos para mobilização dos evangélicos e a segunda, que enquadra o evento em dispositivos jurídicos, conferindo valor cultural à expressão religiosa. A MPJ, portanto, afirma-se de forma ambivalente: dentro da comunidade evangélica, primeiramente como um apelo à "unidade" e à comunhão", depois como um "ato espiritual e profético"; e fora do meio religioso, assumindo o argumento de legalidade e "liberdade religiosa", os quais servem como plataforma para atuação de parlamentares ou manifestação pública de massa (Giumbelli, 2014, p. 205). A MPJ, assim, com os milhares de participantes em cada edição, não ganhou somente visibilidade, porém, torna-se relevante e significativa para os evangélicos participantes, como também para o público que a observa de fora

A presente pesquisa será disponibilizada para cada participante desta etnografia. Ela foi solicitado por alguns organizadores e participantes da Marcha, bem como e por entrevistados que não participaram do evento (evangélicos e não evangélicos). Como já fora mencionado anteriormente, esta etnografia propicia repensar a forma como se enxerga cada grupo de pessoas que se relaciona, ou não, com a MPJ, a partir de exemplos do campo empírico, a partir da lógica assumida pelo sujeito entrevistado e não por categorias interpretativas exteriores e apriorísticas. O número reduzido de entrevistados em relação ao universo de pessoas "que pensam sobre a Marcha", obviamente não esgota o que uma pesquisa como esta tem a oferecer; todavia abre caminho para que aspectos que merecem aprofundamento sejam posteriormente investigados, como o papel do participante no contexto do evento, ou como repercutem a argumentações críticas entre aqueles que promovem o evento. As implicações da MPJ como expressão religiosa, social e política dentro da comunidade evangélica e nas ruas de São Leopoldo permanecem, ainda, como solo fértil para a discussão do tema Religião e Espaço Público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro/São Paulo, Ed. Forense Universitária/ EDUSP, 1981.

GIUMBELLI, Émerson. **A Presença do religioso no espaço Público**: modalidades do Brasil *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(2): 80-101, 2008

_____. **Cultura Pública: os evangélicos e sua presença na sociedade brasileira**. *Símbolos Religiosos e Controvérsias/Émerson Giumbelli*, Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2014, p. 190-207.

_____. **O acordo Brasil - Santa Sé e as relações entre Estado, sociedade e religião**. *Ciências Sociais e Religião/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 13, n 14, p. 119-143, setembro de 2011.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANLEZ, Phillipe. **Religião e Território no Brasil:1991/2010**. PUC-Rio, 2013.

LOPES, José Rogério. **Festas Religiosas, fluxos identitários e hibridismos na esfera pública**. *A Religião no Espaço Público: atores e objetos*, Ed. Terceiro Nome, 2008, p. 139-155.

LUDUEÑA, Gustavo Andrés. **La cultura católica en la imaginación política de las iglesias latinoamericanas**. *Religiones y Culturas: Perspectivas latinoamericanas*, Ed. Editorial Biblos, 2009, p. 115-154.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, no 49, São Paulo, 2002, p. 11-29

ORO, Ari Pedro. **A Liberdade religiosa no Brasil**: as percepções dos atores sociais. *A Religião no Espaço Público: atores e objetos*, Ed. Terceiro Nome, 2008, p. 181-193

SANCHIS, Pierre. **As Ciências Sociais da Religião no Brasil**. *DEBATES DO NER*, Porto Alegre, ano 8, N. 11, JAN./JUN. 2007

SANT'ANA, Raquel. **O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol 34, p. 210-231

VELHO, Gilberto. **Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas**. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p. 11-30

VELHO, Gilberto. **O Desafio da proximidade**. Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 11-19

Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. 2012

- <http://www.abant.org.br/?code=3.1>
- <http://www.ministeriomarchaparajesus.com.br/>
- <http://ministeriomarchaparajesus.blogspot.com.br/>
- <http://www.marchaparajesus.com.br/>
- http://www.renascercristo.com.br/noticias/detalhes/215#.Vk_5ODZdHIU
- <http://edsonbrow.blogspot.com.br/>
- <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431870>
- <http://ichthus.org.uk/about/>
- <http://www.jba.gr/Portuguese/A-igreja-sua-defini%C3%A7%C3%A3o-sua-cabe%C3%A7a-e-seus-membros.htm>
- <http://www.vivaportais.com/ProgramasConteudos/Cidades.aspx?idp=1860>